

THEATRO DE AUGUSTO BRITTO.

DESHONRA E CRIME

DRAMA EM DOIS ACTOS.

O BIGAMO

COMEDIA EM UM ACTO

MUDAR DE SEXO

COMEDIA EM UM ACTO

VOLUME 1.º



MARANHÃO

Typ, dos Frias—5901

1892

Estado do Maranhão

Arthur Azevedo

C  
F

V  
ia

Collecção Artística

Arthur Azevedo

Estado do Maranhão

*A' memoria*

DE

-1-

Meus Paes.

---

## CAVACO.

Em 1872 escrevi duas comedias: —*Criticos momentos!*— e —*Uma moça asiuciosa*—, e dei-as á luz da publicidade.

Foram benevolmente acolhidas pelo publico.

Em seguida, escrevi outras peças theatraes, que tem repoisado n'uma das gavetas da minha secretária. Por vezes, tenho tido desejos de inutilisal-as; mas me tem faltado o animo, lembrando-me que foram ellas—pobresinhas—os meus tentamens dramatico-litterario, quando, embora navegando sem bussola, sentia em minh'alma enthusiasmo e crença.

Assim, antes que se realise algum *infanticidio*, reuno tres d'essas minhas humildes filhas, e dou-lhes liberdade para correrem mundo, pedindo a todos benevolencia, em attenção á sua debilidade.

É possivel que, si não exaurir-se completamente a minha fé, eu continue, como dêsejo, a conceder identica liberdade para outras minhas filhas, talvez mais robustas e mais educadas.

*Augusto Britto.*

Maranhão—Maio de 1892.

Collecção Artística

Arthur Aguiar

Estado do Maranhão

# DESHONRA E CRIME

DRAMA ORIGINAL,

EM 2 ACTOS.

# PERSONAGENS

---

GABRIEL  
ALFREDO  
PAULO  
VERISSIMO  
JULIA  
CECILIA

---

*A acção passa-se no Rio de Janeiro.*

---

—ACTUALIDADE.—

# DESHONRA E CRIME.

---

## ACTO 1.º

Em casa de Gabriel. Sala simples, mas com elegancia.

### Scena 1.ª

GABRIEL e PAULO.

GABRIEL

Men Paulo, sinto infinito prazer em estar certo que nunca desmentiste o juizo que de ti sempre formei.

PAULO

Obrigado, meu tio; é isso bondade sua.

GABRIEL

Não, senhor; sinto-me como que orgulhoso pelos teus actos. A mão de minha filha, que desde a infancia te foi destinada e que de ha muito te é dada, irá ao altar unir-se á tua para que sejam realisados os meus ultimos desejos.

PAULO

Quando parti para Pernambuco, deixei Julia com  
vmos de idade. Creados, que haviamos sido  
que constantemente juntos, uma mutua e sin-  
amisade prendia-nos pelo coração. Não digo que  
amor, não; mas certamente que era uma affei-  
muito intensa. Seguindo para meus estudos,  
manifestou-me os seus desejos de eu despo-  
.. Esta noticia calou-me tão bem n'alma, que,  
afesso, parti com o firme proposito de procurar,  
quanto me fosse possivel, um nome condigno de mi-  
nha prima.

GABRIEL

Estou bem certo d'isto, assim como tambem es-  
tou que ella o mesmo pensa a teu respeito.

PAULO

Perdão, meu tio, si lhe fallo com franqueza.  
Desde que parti, e até bem pouco tempo, acreditei  
que Julia pensava em mim com desejos de ser minha  
esposa... porem hoje...

GABRIEL

O que ha ?

PAULO

Hoje, já assim não penso.

GABRIEL

E porque ?...

PAULO

A frieza com que me trata... a sua esquivança  
mesmo em fallar de nossos amores...

GABRIEL

Não ha tal; não penses n'isto. É que Julia, d'algun tempo para cá, tem tomado outros modos; até eu isto percebo; mas são mudanças da idade: foi criança e hoje é moça.

PAULO

Deos permitta que Vmc. não se engane...

GABRIEL

Não ha engano, não Sr. ! Oh ! que estes enamorados fabricam na phantasia desventuras de toda a natureza ! Já quer pensar. segundo vejo, em deslealdades por parte de sua noiva...

PAULO

Está bem, meu tio, seja como Vmc. quizer: procurarei fazer-me desaperebido do que notar no semblante de Julia...

GABRIEL

E' o que deves fazer. (*Pausa*) Tratemos, é o que nos cumpre, de designar o dia e cuidar d'este casamento.

PAULO

Eu, por mim, estou prompto em annuir a tudo o que for por Vmc. determinado.

GABRIEL

Bem; mas quero que combines a respeito com tua prima; desejo satisfazer de minha parte todas as suas exigencias, a tudo o que tambem for do seu agrado.



PAULO

Sim, meu tio—procurarei fallar a Julia.

GABRIEL

E não te quero ver com esses modos. Ouve-me, Paulo:—devem procurar com os seus prazeres dar-me alguns dias de contentamento, dias estes que de ha muito estava aprazando para este momento, e que tanto bem me farão...

PAULO

De minha parte pôde ficar certo que não me hei de descuidar de fazer o que Vmc. me pede...

GABRIEL, *sahindo*, D. B.

Conversa com tua prima, e... até logo.

**Scena 2.<sup>a</sup>**

PAULO, só

Diz-me meu tio que converse com Julia! Mas, como, si ella foge de mim?... Já a tenho observado muito, e estou quasi que certo de que ella me não ama! Tivesse embora somente de mim a amizade pura e sincera d'outra ora... sim, tivesse-a, somente, essa, que não me acharia acabrunhado por mil conjecturas... Mas é que... oh! meu Deos! eu tremo só de o pensar! Sim, si ella me não amar... que importa! O amor não é obrigado... Eu a amarei tanto, e a presarei de modo que em breve esse sentimento será por ella a mim retribuido. Entretanto, lucto com incertezas crueis! Vivia ausente d'ella, é certo; não a tinha junto a mim de ha muito, —desde criança; mas é que a sua imagem nunca apparecera diante de meus olhos... é que os seus reiterados retratos, que recebia, me foram motivos

assás para electrizar-me no fogo d'uma paixão vehemente... Sim, amei-a, e muito! Alimentei a idéa de viver para ella, e, ambicionei um futuro,—uma gloria. A victoria que sempre cantei, durante o meu curso de Direito, a ella em parte devo... Mas, si essa gloria... si essa lucta... Não! nada ha de succeder... nada será verdade... a verdade é que Julia será minha, e que em breve exultarei de tamanha felicidade... Vamos... Ainda não a vi hoje: vou procural-a... (*Sae, D. A.*)

### Scena 3.<sup>a</sup>

CECILIA, VERISSIMO e depois JULIA.

(*Cecilia e Verissimo entram pelo F.*)

VERISSIMO

Entra, Cecilia... não vejo ninguém, mas bem sabes que não usamos de etiquetas com esta gente. De mais, nos convidaram hoje para o chá, e hão de estar a nossa espera.

CECILIA

Assim é, meu pae. Não me admira o não encontrar aqui Julia: deve andar tão satisfeita com a chegada do seu primo, que não resta-lhe tempo para lembrar-se de sua amiga.

VERISSIMO

E não tens que censural-a, porque no seu lugar farias a mesmo.

CECILIA, *disfarçando*

Mas, onde está ella... (*Chega á porta da D.A., chamando*) Julia? ó Julia?...

JULIA

Ah ! Cecilia ! já estavas aqui. ... Como estás ?...  
*(Abraçam-se e beijam-se.)* Sr. Verissimo. *(Cumprimen-*  
*tando-o)*

VERISSIMO

Passa bem, menina ? Eu, sempre como velho.  
 Que é do Gabriel ?

JULIA

O Sr. pode entrar: deixei-o agora no seu ga-  
 binete.

VERISSIMO, *sahindo.* D. B.

Pois, para lá vou.

**Scena 4.<sup>a</sup>**

JULIA e CECILIA.

*(Ambas assentam-se)*

CECILIA

Então, cada vez mais satisfeita, não é assim ?  
 Si vim roubar-te alguns minutos de prazer, és tu  
 somente a culpada: não nos mandasses convidar.

JULIA

Ora, deixa de tolice.

CECILIA

E ? Pois então não fallo mais. *(Pausa)* Já de-  
 terminaram o dia ? Muito breve: está sabido.

JULIA

Ainda não... nada sei.

CECILIA

Ora, deixa-te de mysterios !

JULIA

Não é mysterio... eu nada sei. Mysterio pare-  
e-me estares tu usando para commigo.

CECILIA

Em que ?

JULIA •

Em que?... (*A' parte*) Experimentemol-a...  
(*Alto, batendo-lhe nos hombros*) Eu não sei se adivinho  
uma cousa a teu respeito ..

CECILIA, *medrosa*

Adivinhar ! o que é ?

JULIA

São suspeitas minhas, não tenho certeza.

CECILIA

Pois dize ao menos a causa d'essa suspeita.

JULIA

Os teus modos, que pouco a pouco se teem mu-  
dado... essa melancolia, que não podes esconder...

CECILIA

Basta .. basta, Julia...

JULIA

Si é segredo que não podes confiar á tua me-  
lhor amiga—eu me calarei.

CECILIA

Não, não é... para ti, não é... Eu vou contar-té tudo, a ti, a primeira pessoa e talvez a unica a quem terei de confial-o.

JULIA, *à parte*

Meu Deos ! eu tremo em ouvil-a ! (*Alto*) Dize-o, Cecilia; não tenhas receio de abrir-me o teu coração. Falla.

CECILIA, *abraça Julia, chorando*

Eu não tenho receio, Julia... e nem posso tel-o de ti... Ouve-me, e sabe quanto soffre a tua amiga: Sabe, Julia, que eu amo; mas, longe de ser, como tu, feliz com o meu amor—amar e ser amada pelo próprio seu amor—não o sou: soffro os mais vivos transportes d'uma affeição pura e vehemente... d'um amor nascido o ignorado no fundo do meu coração...

JULIA

Ignorado ! Como ?

CECILIA

Um amor ignorado por todos—até por *elle*.

JULIA

Pela propria pessoa 'a quem amas ?

CECILIA

É verdade... até por *elle*... Parece-te impossivel isto, mas não o é. Acredita-me, minha Julia—eu o amo muito, e soffro tanto quanto não imaginas ! Soffro porque, tu o sabes, eu, mulher, nem ao menos poderei ir fallar-lhe do meu amor, consultar-lhe, pedir-lhe um pouco de affecto...

JULIA

E não me dizes quem é *elle* ?

CECILIA

Sim, vou dizer-te; mas sabe antes que foste tu a causa do que hoje experimento. . .

JULIA

A causa ? como ? !

CECILIA

Sim, foste tu, porque foi por ti que vim á tua casa; era por ti que continuei a vir a ella, e foi aqui que o encontrei . . . É a elle a quem eu amo, Julia . . . *(abraçando-a)* a esse rapaz, creado por teu pae, que sempre viveu com vocês, e a quem tanto estimam . . .

JULIA, *(vivo choque)*

Alfredo ! ? Ah ! . . .

CECILIA

Sim, é elle . . . Causou-te espanto ?

JULIA, *com disfarce*

Não, não me espanto: esperei mesmo esse nome . . . *(Levanta-se, o que tambem faz Cecilia.)* Mas, Cecilia, tens certeza que Alfredo não te retribue com igual affecto ?

CECILIA

Tenho: sei que ignora mesmo a existencia do meu amor . . .

JULIA

E não tens desconfiança; tu que és a enamorada, que elle já tenha dedicado o seu coração a outrem ?

CECILIA, *com magoa*

Eu não sei o que te responda, Julia . . . O receio, o temor, a incerteza em que vivo me trazem

constantemente essas desconfianças: uma hora, si o vejo pensativo e destrahido—como que um punhal cruciante fere-me e denuncia-me a existencia d'uma rival venturosa; outras, a indifferença que mostra nas exposições de suas idéas a respeito do amor; a vida scentelha que parte dos seus olhos—dizem-me o contrario, e eu quero, então, nutrir uma pequena esperanza,—esperança, porem, que bem depressa foge, desaparece e deixa-me a sós, luctando com as ancias d'um amor, que tem tanto de sincero como de infeliz...

JULIA

Basta, Cecilia... eu já comprehendo tudo. Mas, não tens tanta razão para desesperar-te; ao contrario, moça bonita e cheia de encantos, como és—quem sabe mesmo si já não és amada por elle ..

CECILIA

Julia! que te fiz para essa zombaria? :

JULIA

Não é zombaria: fallo o que sinto. Porque elle te ha de desprezar, quando tu sabes, mais que ninguem, amal-o com tanta vehemencia?

CECILIA

Não digo que sei amal-o com mais vehemencia que ninguem. Elle poderá encontrar ou, mesmo, talvez já tenha encontrado outra que o ame com os mesmos transportes...

JULIA

Fica descansada que não encontra. (*Conduzindo Cecilia para D. A.*) Vamos para dentro: talvez hoje mesmo tenhas certeza da verdade do que te digo, si é que já não a tens e me veñs experimentar.

CECILIA

Como, experimentar?! Não te comprehendo...  
(Saem. A scena fica sô por algum tempo.)

**Scena 5.<sup>a</sup>**

ALFREDO e JULIA

JULIA

(Alfredo entra da E. A. e Julia da D. A.)

Alfredo... (Esconde o rosto nas mãos, enchugando lagrimas.)

ALFREDO, chegando-se para ella e pegando em suas  
mãos)

O que tens, Julia... tu choras?...

JULIA (desabafo de desespero)

Choro, sim, porque soffro... e muito... choro porque mil torturas me dilaceram o coração...

ALFREDO

Que torturas são essas, quando vaes ligar-te ao teu primo—ao homem a quem amas?...

JULIA

A quem amo!... ah!... (chora)

ALFREDO

Oh! dize, Julia... dize tudo a mim, a mim que nunca occultavas nada...

JULIA

Mas é que este meu segredo d'agora não te



convirá saber, ou, pelo menos, sabedor d'elle, de nada me poderás valer...

ALFREDO

Tens certeza d'isto ?

JULIA

Quasi.

ALFREDO

Todavia, experimenta.

JULIA

Dize-me uma cousa, mas sè franco, muito franco, como costume ser para ti: Tu amas álguem ?...

ALFREDO

Eu ?... Que pergunta !

JULIA

Responde-me. . .

ALFREDO, *depois de pausa*

Pois bem, si queres, respondo:—não, ainda não amei a pessoa alguma...

JULIA, *com ciúmes*

Pessoa alguma !... Queres me enganar... pensas que não o sei... Tu amas a Cecilia ..

ALFREDO

Cecilia ! Loucura ! Como pensaste em tal ? !

JULIA, *idem*

Eu mesma o sei... tu a amas... e ella tambem te ama... Hão de ser felizes... em quanto que eu... (*chora*)

ALFREDO *á parte*

Ah ! meu Deos ! teria acaso ella experimentado, ao mesmo tempo que eu, igual sentimento ? *(Alto)*  
Julia ! Tu queres que eu falle muito francamente ?...

JULIA

Sim, quero...

ALFREDO

Pois bem, não te nego: eu amo...

JULIA

Ella... Cecilia ?... não é assim ?...

ALFREDO

Não; acredita-me, não é ella.

JULIA, *riso de amargura*

Não é ella ! Para que o negas, Alfredo... para que queres illudir-me... a mim, tua irmã de criação... Pensas que não o sei ?... Não nega, que não é crime...

ALFREDO

Mas, Julia, tu não me acreditas ?

JULIA

Então ! quem é ? !...

ALFREDO

Para que obrigas-me a isso, quando não o devêra...

JULIA

Ah !... não podes dizer !

ALFREDO

Pois bem, eu t'o direi, mas será por tua conta. Queres saber por quem, de ha bem pouco tempo, experimentei um affecto muito verdadeiro; por quem conheci pulsar fortemente o meu coração; por quem enfim, sinto, como o disseste sentir, mil torturas a dilacerar-me a alma? ... queres saber? . . Foi por ti... por ti, a quem amo...

JULIA, *expressão de enleio e contentamento*

A mim...

ALFREDO

Tu o quizeste; não te queixes de mim..

JULIA

Não me queixarei; ao contrario, eu te eston muito agradecida. Pois bem: agora te poderei dizer o meu segredo... a razão porque soffro tanto . Tu o sabes, vou casar-me dentro em poucos dias com o meu primo Paulo, por ser isto dô especial agrado de meu pae. Meu primo estina-me; não duvidarei mesmo dizer, que elle me ama, e que por isto deseja sinceramente a nossa união; mas é que, eu, que o préso, é certo, nunca o desejei por meu marido. De mais, eu hoje sei que amo... sei que amo um outro...

ALFREDO

Tu?...

JULIA

Sim; amo um outro, e, portanto, vê si devo aguardar uma vida feliz ou de desgraças, depois do meu casamento...

ALFREDO

E quem foi que soube roubar-te o coração?

JULIA, *com timidez*

Foste tu...

ALFREDO

Eu! ? E só agora é que o dizes...

JULIA

Porque só agora foi que o soube... só agora, que já é tão tarde...

ALFREDO

Tarde! não ha de ser... O nosso amor tão puro e verdadeiro, como é, porque não terá um justo premio?... Teu pae présa-te tanto, diz que só deseja a tua felicidade, que executa todos os teus desejos, e por isto eu creio que te ha de ouvir...

JULIA

Será difficil, eu bem o prevejo. Elle é um homem de palavra; empenhou-a a Paulo, e desde ha muito. Alem d'isto, não sei si eu teria animo de ir dar esta noticia ao meu pobre primo...

ALFREDO

Não ha de ser difficil, e has de ter animo. Mas .. *(colhando para D. A.)* Ah! vem Paulo... Até logo, e tem fê no nosso amor. *(Sae, E. A.)*

### Scena 6.<sup>a</sup>

JULIA e PAULO.

PAULO

Ha muito que eu andava a tua procura, Julia: assenta-te aqui, minha prima, que te quero fallar...

(*Assentam-se no sofá, E. B.*) Julia, sè franca, muito franca, eu te peço.

JULIA

O que queres que te diga, Paulo ?...

PAULO

Porque não me declaras que não é do teu gosto a nossa união ?...

JULIA

É muito de minha vontade, tanto mais sendo da do meu pae...

PAULO

Eis ahi do que tenho receio. Parece-me que queres sacrificar o teu coração, só por obediencia à vontade de teu pae. Ouve-me: eu te préso muito, e muito, desde criança. Hoje eu sinto por ti, alem d'essa amisade de outr'ora, um amor muito sincero, uma paixão verdadeira; mas, acredita-me, tenho lutado bastante com as vicissitudes d'esta vida, que bem resignado saberei ouvir o teu desengano...

JULIA

Pois bem, eu vou dizer-te a verdade... é mesmo meu dever revelar-t'a, afim de que não te venhas um dia a queixar de mim.—E' verdade, Paulo, essa frieza que notas em mim, é porque, ai ! eu temo o meu futuro ! Seriamos muito felizes, não é assim, mas era si não sentisse o que hoje sinto... Será um crime a repulsão d'um affecto sincero como é o teu ?... será muita ingratidão pagar-te tão mal, como eu te pago a amisade que me tens ?... Oh ! dize que não, porque eu te préso muito .. tanto como outr'ora...

PAULO

Dize, sem temor, Julia—eu te peço—tu amas a outro homem, não é assim ?...

JULIA, *abaixando os olhos*

Assim é, Paulo... para que occultar-te mais... Mas, ouve-me: Para satisfazer a vontade de meu pae; para mostrar-te que não sou ingrata, desprezando o teu amor, eu estou, comtudo, prompta a casar-me contigo... Sacrificarei tudo, não importa; o que unicamente quero é que mais tarde não te queixes de mim...

PAULO

Muito obrigado, Julia, mostras de sóbria que és uma mulher heroica e que mereces melhor sorte do que essa que te preparam. Não penses, assim, que eu, sabedor em tempo, vá sacrificar o teu amor. Obrigado, ainda uma vez. Eu saberei abafar a minha paixão: um dia hei de esquecel-a... comtanto que sejas feliz...

JULIA

Será verdade o que estás dizendo, Paulo? Só desejas a minha felicidade?...

PAULO

Assim é... só te quero ver feliz... Mas, ainda não me disseste a quem deste o teu coração?

JULIA

Tu bem o conheces... é elle teu amigo—foi a Alfredo...

PAULO

Alfredo! Sim, era bem de suppor-se... viviam sempre juntos...

JULIA

Mas, acredita-me, Paulo, si ha mais tempo não te fallei, si não te havia escripto sobre o meu amor, foi porque só agora o conheci: eu e Alfredo nos pre-

savamo mutuamente, mas era com uma amizade sincera, puramente fraternal...

PAULO

Tudo te acredito... Agora, si queres que eu mesmo falle a teu pae, fallarei; empregarei meus esforços para dissuadil-o dos seus desejos, e estou certo que sem difficuldade elle annuirá ao meu pedido... Embora, Julia, que este pedido me seja muito custoso de fazer, hei de envidar um esforço supremo,—hei de revestir-me de muita coragem—e elle será feito...

JULIA

Oh! Paulo! com que te hei de pagar tamanha dedicação...

PAULO

Nada te peço: só me basta a tua amizade d'outrora...

JULIA

Como és bom, meu primo! Pois bem, vae fallar a meu pae, que só assim julgar-se-ha elle desobrigado da sua palavra... (*Olhando para dentro*) Ah! elle que ahí vem...

PAULO

Ainda melhor: será já, e na tua presença.

### Scena 7.<sup>a</sup>

JULIA, PAULO, GABRIEL, ALFREDO e, depois,  
CECILIA.

GABRIEL

Julia, deixaste a tua amiga Cecilia, e por tanto tempo: vae para junto d'ella.

JULIA

Sim, meu pae. . eu vou. . .

PAULO

Espera, antes, um pouco. (*A Gabriel*) Meu tio: em nome de Julia vou fazer-lhe uma declaração e ao mesmo tempo um pedido. . .

GABRIEL

O que temos?

PAULO

Bem sei, bem sabemos que é muito do seu gosto o meu casamento com a minha prima Julia . .

GABRIEL

Sim, de muito meu gosto.

PAULO

Porem, si Vmc. concordar que não se effectue este casamento, mas sim um outro. . . (*com esforço*) que Julia se case com outra pessoa. . .

GABRIEL

Como disseste?! Não te comprehendendo. . .

PAULO

Com outra pessoa a quem ella ama. . . e não commigo, que jamais a poderei fazer feliz. . .

GABRIEL

E és tu quem me faz semelhante pedido! . . . Julia! o que dizes a isto? . . .

JULIA

Men pae o ouça e a elle responda. . .



PAULO

E Vmc. tambem, eu estou certo. deseja muito a felicidade de sua querida filha... ella ama ontro, não a mim... para que pois sacrificar o seu amor tão innocente ?...

GABRIEL

E' isto verdade, Julia ? ..

JULIA

E' verdade, meu pae...

*GABRIEL a Paulo*

E a minha palavra que está empenhada.. eu que sempre te prometti a sua mão ?...

PAULO

Mas bem vê que sou eu proprio quem lhe faz este pedido... Eu bem couheço que elle muito lhe ha de estranhar...

GABRIEL

Assim é: ainda ha bem pouco tanto me expressavas um ardente desejo pela tua união... e agora...

PAULO

Assim era... mas é que, alem do amor que tenho a Julia—prêso-a muito... estimo-a tanto, que só desejarei vel-a feliz, ao lado do seu esposo ..

GABRIEL

Pois seja como quizerem—eu estou por tudo... não porei duvida alguma, comtanto que seja o escolhido por minha filha digno de ser seu marido...

PAULO

E' muito digno d'ella: uma pessoa de sua grande amisade... Não adivinha ?...

GABRIEL, *reflectindo*

Não posso saber...

PAULO

Está presente—é Alfredo.

GABRIEL, *desorientado*

Alfredo!! Alfredo foi que disseste, Paulo?!

(*Cecilia vem entrando, D. A., pára e escuta.*)

JULIA

Sim, elle, meu pae... eu o confesso... amo-o...

GABRIEL *idem*

E elle?... e elle?... dize depressa, Alfredo...

ALFREDO

Eu tambem amo-a, meu pae...

CECILIA

Ah!... (*retira-se*)

GABRIEL

Tambem!! Oh! que desgraça, meu Deos! (*oculta o rosto entre as mãos.*)

JULIA

Então, o que ha, meu pae?...

GABRIEL

O que ha? .. E' que si realmente vocês se amam, devem procurar esquecer semelhante amor... porque elle não deve existir...

ALFREDO

Não deve existir?! e porque?... Porque Julia não poderá ser minha esposa?...

GABRIEL, *estremecendo*

Esposa!! Nunca! nunca, Alfredo... isso será um impossivel...

ALFREDO

Um impossivel?! Mas, diga-me, meu pae—será acaso por achar Vm. nodoa no meu nascimento... pela minha bastardia?...

GABRIEL

Não, não é, eu t'o asseguro: tu bem me conheces, Alfredo. Amigo, como sempre fui de Pedro Venancio, teu pae, jurei dias depois da sua partida tratar-te e presar-te como si fôras meu proprio filho, e tu o sabes si tenho ou não cumprido esta promessa. Prêso-te de coração, Alfredo; deposito em ti toda a confiança; me mereces todo o conceito, e d'isto te tenho dado as mais irrecusaveis provas. Já vês, pois, que não poderia ter semelhante lembrança, para não te julgar com direito á mão de minha filha!.. Mas... é... queres saber a rasão?...—E' porque eu sei d'um segredo horrivel, d'uma historia hedionda, que ninguem mais, alem de mim, deverá saber... Ella—essa historia, prohibe semelhante casamento... Não... não me perguntem mais nada, porque eu não lhes poderei responder...

ALFREDO

Então, por maneira alguma poderei conhecer esse segredo?...

GABRIEL

Não pôde! e tu principalmente... elle deve ir commigo á sepultura. E... eu dou-lhes a minha palavra—não tenho outro motivo...

PAULO

E não o dirá tambem a mim?

GABRIEL

Não! nunca o direi! (*Voltando-se para Julia*)  
Não o ames, Julia—eu te peço... esquece-o; basta  
que o prées com essa amisade innocente d'outr'ora,  
porque eu jamais consentirei em semelhante casa-  
mento; é isto meu dever. Tenho decidido: são inu-  
teis todas as observações, que nada poderá demo-  
ver-me... e só me virão trazer desgostos...

*CECILIA, desce á scena, e diz baixo  
á Julia:*

Eu ouvi tudo, Julia: já sei que és minha rival!

CAE O PANNO.

## ACTO 2.º

A mesma vista do acto antecedente.

~~~~~

### Scena 1.ª

ALFREDO só: *está assentado, meditando e com tristeza. Depois de algum tempo, falla*

Não, não posso acreditar no que me diz elle, isto é, que o motivo do seu não consento ao meu casamento exista no tal segredo,—que a todos deve ser inviolavel. Inclino-me às vezes mais a crer que essa barreira horrivel que diz haver levantada aos meus desejos, não passa da minha condição de filho bastardo! Bastardo! sim, eu o sou; mas será isto rasão bastante para julgarem-me tão desconsiderado perante a sociedade? E até perante elle, o homem que, como um pae verdadeiro, mostrou sempre tanto presar-me?... Mil conjecturas tenho feito, e todas ellas em pouco tempo se me desfazem.—Terei direito a exercer uma vingança contra elle? Deverei requerer á Justiça? Não! que nada d'isto me ficará bem:—elle me ha tratado como seu proprio filho; quer-me tanto, e eu serei muito ingrato si não me

submitter ás suas vontades. Entretanto... impõe-me uma ordem inexequível, cruel, absurda mesmo!— Não a ames mais—como si se podesse evitar a flamma do amor quando elle já existe!...

### Scena 2.<sup>a</sup>

ALFREDO e PAULO.

PAULO. *vem da D. A.*

Ah! Alfredo, estás aqui... (*Desce á scena, e depois de pausa*) Realmente, meu amigo, somos dois rivaes infelizes e que mutuamente nos presamos...

ALFREDO

Tens um coração nobre e muito generoso, Paulo. Em teu lugar, outro qualquer não nos daria ouvidos, e até zombaria do nosso amor; enquanto tu, que acabas de ver murcharem as tuas esperanças, e despresado o teu leal coração—ainda assim, opprimido em mil desesperos, tens empregado tanto esforço para esse sublime *desideratum* que imaginaste—a felicidade de tua prima...

PAULO

Não mereço elogios, Alfredo: só faço o meu dever. Querias, acaso, que eu tivesse a louca pretensão de ambicionar ainda o amor de Julia, quando estava certo que ella já o havia empregado a outrem. tão dignamente?... Si eu a amava de ha mais tempo, que importa isto, quando, infeliz que fui, não era correspondido? quando, estava ausente, e não podia ter occasião de, como tu, receber a ambicionada recompensa—amor, paga de amor? Estavas presente—amaste-a, que não fôra isto um crime. Nada, portanto ha ahi de escandalo a mim?...

ALFREDO

Não ha, sei eu; mas tudo isto assim te parece por seres muito bom, meu amigo. (*Pausa.*) Nada me dizes de novo, não é assim ?

PAULO

Nada, e nem tenho mais esperança. Tudo já tenho feito para resolver meu tio; debalde as minhas palavras, debalde a cilada que tenho armado para sondal-o sobre esse motivo que diz encerrar n'uma historia hedionda e que constitue um segredo seu . .

ALFREDO

E achas provavel a existencia de semelhante historia, ou que não passa tudo de pretexto para alguns fins ?

PAULO

Não ! pretexto não é. Vê o abatimento em que tem elle estado, as torturas que mostra soffrer—aucta do moral reagindo sobre o seu physico . . .

ALFREDO, *com desespero*

Mas então, o que será !

PAULO

Sei tanto como tu—bem o sabes, e, como tu, me desespero e tremo por ouvir meu tio. Como tu, e talvez ainda mais do que ti, soffro: tens a esperança, e a esperança vale de muito, ao passo que eu—não me queixo de ti—um desengano cruel condemna-me a sacrificar o meu amor . .

ALFREDO

E dizes que ainda me resta a esperança ! onde é que a vês ? . . .

PAULO

Onde a vejo ? Tu amas e és amado pelo proprio objecto do teu amor—que melhor esperança do que esta ? . . . Meu tio de modo algum consentirá em semelhante casamento; mas que importa isto, si é decreto que só vigora hoje ! Mais tarde, tudo se fará, eu o creio, porque o amor vencerá, não só esse—impossivel—que hoje se te apresenta, como todos os demais supervenientes. . . E, quanto a mim, prometto fazer o que poder para a tua felicidade e de Julia. Com este fim é que tenho resolvido a ausentar-me desta provincia—irei para bem longe d'ella: ausente, e decorrido que seja algum tempo, quem sabe si meu tio não verá acabado o motivo que o obriga a julgar hoje impossivel teu casamento com sua filha.

ALFREDO

Vaes então partir, Paulo ?

PAULO

Vou ! \*A minha presença aqui é inutil: tudo hei feito, como não ignoras, para demovel-o. Partirei portanto!—não só isto será conveniente a mim, como a ti. . .

ALFREDO

Seja como quizeres, mas eu hei de ficar ! Aqui hei de ver resolvida a minha sorte. . . aqui hei de saber a razão de não poder casar-me com Julia. . .

PAULO

Acho que teus rasão; deves ficar.

**Scena 3.<sup>a</sup>**

GABRIEL e ALFREDO.

GABRIEL, *vem da D. B., taciturno e muito abatido. Chegando-se para Alfredo:* Preciso falar-te; as-



senta-te... (*Paulo sae, D. A. Pausa.*) Alfredo, é preciso que partas d'aqui; que te ausentes—que fujas de Julia. Eu já pensei em mandar-te estudar em S. Paulo. Tu deves ir. Vae, meu filho—é o teu amigo-pae que te aconselha...

ALFREDO

Partir ! Não ! não posso... Aqui, junto d'ella, hei de ver murchar a ultima esperanza de minha vida...

GABRIEL

Mas esse amor não deve sequer existir !

ALFREDO, *com desespero*

Oh ! e porque ? !...

GABRIEL

Porque é um impossivel a tua união com Julia...

ALFREDO

Mas lá, em qualquer parte que esteja, hei de sempre adoral-a com a mesma vehemencia...

GABRIEL

Talvez não aconteça isso. Ao principio assim ha de ser, porem, mais tarde .. o tempo pode tudo fazer...

ALFREDO, *magoadado*

Seja como for—não partirei... O que irei fazer ? . Eu não preciso viver sinão para ella; não ambicionarei cousa alguma na sociedade si ella não for minha.

GABRIEL

Mas, sou eu quem te pede; seja embora para

satisfazer a minha vontade—mas vae... E' um pae que roga a um filho...

ALFREDO

Oh ! meu pae ! quer Vmc. despedaçar-me o coração ainda mais ! Talvez me chame de ingrato, mas isto não, hei de fazer . . . Tambem Vmc. me occulta um segredo seu, quem sabe si por falta de confiança em mim. Digo-lhe, pois, por minha vez: Conte-me esse segredo, conte-m'o,—sou eu quem lhe pede: quero que seja muito franco para commigo; seja o que for—conte-m'o... Veja, tambem, que é um filho que supplica a um pae...

GABRIEL

Não posso ! Tudo te farei, menos isto... Haahi uma historia horrivel, na qual eu serei um corbarde, valente, brioso, deshornado e generoso ao mesmo tempo... Oh ! não posso, Alfredo ! E me dirás tambem que não ! Tens razão...

ALFREDO

Assim é, não o posso obedecer !

GABRIEL

Definitivamente, nada te decidirá a partir ?...

ALFREDO

Partirei quando Vmc contar-me tudo,—quando souber porque não devo casar-me com Julia...

GABRIEL

Nada mais te decidirá ?

ALFREDO

Nada mais !

GABRIEL, *resoluto*

Pois bem! Seja como quizerem! Eu te vou contar tudo: estou a tudo resignado. Mas não quero que me ouças só. Quero fallar tambem diante de Julia e de Paulo. Vamos! descortine-se este mysterio, aonde tenha embora de pedir perdão a um moço que chamei—meu filho...

ALFREDO

Perdão!

GABRIEL

Talvez... talvez seja preciso. Mas vae chamar Julia e Paulo... (*Alfredo sae, D. A.*) Sim, é preciso um esforço supremo,—eu o farei! Não ha outro remedio. (*Sae D. B.*)

**Scena 1.<sup>a</sup>**PAULO e JULIA (*veem da D. A.*)

PAULO

Não te tornes já tão descrente, Julia: deves ter toda a esperança no futuro...

JULIA

São palayras de consolação que me diriges, como para pedir-me outras para ti...

PAULO

Não, eu nada peço de ti sinão que continues a dispensar-me a mesma amisade d'outr'ora: o teu coração pertence a Alfredo; é certo que eu o ambicionava, mas, conhecendo que já é d'elle, jamais tentarei roubar-lh'o. Si ainda sinto por ti ateadada a flamma do amor, si por algum tempo ainda tiver de soffrer

dores cruéis, motivadas por este amor imprudente—  
deixa, deixa, que um dia tudo se ha de acabar...

JULIA

Sabes, Paulo, tenho decidido uma cousa. Bem conheces a meu pae: pela maneira que elle nos tem fallado, podemos contar que nada o demoverá do seu firme proposito—nem sequer nos contará esse segredo. Alem d'isto, e sobretudo. Paulo, eu não quero por mais tempo ser causadora de tantos males. Tenho-me decidido a dizer a meu pae que não porei mais duvida em ser tua esposa...

PAULO

Minha esposa !

JULIA

Sim; não porei mais duvida n'isso. Eu considero-me a causa de soffrimentos de tantos!—Por um lado, vejo meu pae, ainda ha bem poucos dias cheio de contentamentos, hoje acabrunhado de desgostos e afflicções; por outro, vejo a ti, por me haveres dedicado um amor puro e sincero, a soffrer os rigores d'uma ingratição de minha parte.—Vejo tambem Alfredo a luctar com uma paixão empregada tão mal, segundo o dizer de meu pae... (*A' parte*) Até a minha boa amiga Cecilia...

PAULO

Não, Julia, eu não me queixo de ti, já te disse; e nem concordarei em ser teu esposo...

JULIA

Não receia que eu te venha a aborrecer: não, não te amarei, porque o meu coração pertence a Alfredo; mas hei de continuar a consagrar-te a mesma amizade... Alem do que (*soluçando*) eu sei, Paulo, pouco mais terei de viver... conheço-me bas-

tante enferma... Desejarei poucos dias de existencia, mas que ninguem soffra por minha causa...

PAULO

Julia !

**Scena 5.<sup>a</sup>**

GABRIEL, PAULO, ALFREDO e JULIA.

GABRIEL, *entrando, D. B., assenta-se no sofá; Alfredo entra com elle.* Eu os havia mandado chamar, meus filhos. Assentem-se todos e ouçam-me...

JULIA

Não sabemos que meu pae nos queria fallar...

GABRIEL

Quero fallar-lhes, sim, e diante de todos vocês reunidos, já que não ha outro remedio...

PAULO

Sim, falle, meu tio, é preciso...

GABRIEL

Pois bem, ouçam esta historia: ouçam o meu segredo. (*Pausa.*) Casei-me n'esta Côrte em o anno de 1839 com Constancia Leal. Era ella filha unica e descendente d'uma familia distincta e considerada. Por seis annos vivemos na mais perfeita união, fruindo ambos as delicias de uma doce tranquillidade. No fim de quatro annos de consorcio, Constancia deu á luz uma menina, que então fôra o nosso primeiro enlevo—o mimo do nosso amor. Eras tu, Julia, eras tu essa menina. Não sabes com que prazer eu te trazia nos braços, com que ternura eu te acalentava. Tua mãe, creio que sentia por ti os mesmos transpor-

tes de amisade. Teu pae, Alfredo, que chamava-se Pedro Venancio, era o meu melhor amigo: foi desde a infancia que entretinhamos relações de amisade, e sempre confiava-mos demasiadamente um do outro, como leaes e verdadeiros amigos. Segredos de negocio e de familia não haviam de um para outro.— Havia nascido, como disse, a minha primeira filha; tinha ella apenas tres mezes de idade, quando foi-me preciso fazer uma viagem á Europa, não somente para tratar de meus negocios commerciaes, como para alli acautellar minha saude, por conselhos de alguns facultativos. Parti. Não tinha, ou pelo menos me parecia que não tinha outra pessoa em circumstancias melhores para ficar tomando conta de minha casa commercial e de todos os meus negocios, que o meu tão dedicado amigo Pedro Venancio. A elle, portanto, confiei minha casa, negocio e familia. E parti... (*Pausa.*) Ah! meus filhos! mil vezes perdesse tudo... mil vezes tivesse succumbido... mas houvesse ficado! Si havia sido feliz, o que mesmo não confirmo, foi somente até esse dia. D'ahi, a ausencia de minha familia,—da esposa que tanto prêsava, da minha interessante filbinha—me trazia constantemente em completo desasocego e cuidados. Dois annos foram-me precisos demorar: só ao cabo d'esse tempo pude regressar á minha patria e á minha casa. Saltei... corri... e, arrebatado de contentamento, pensava unicamente em ir abraçar a minha adorada esposa... beijar a minha filbinha... Mas, ah! meus filhos! nada d'isto me foi dado fazer, porque em casa me haviam preparado o calix da maior desgraça!—Ao transpor a soleira da minha porta, tive a noticia de que minha mulher achava-se gravemente enferma,—prestes a morrer! Corri ao quarto onde ella se achava... vi-a magra... vi-a um cadaver... Ia abraçal-a... ella, porem, já sem forças e gemebunda, fez-me um signal repulsivo, e disse-me: «Não! não te chegues para mim...» E perdeu os sentidos. Algumas pessoas que ahi encontréi não me poderam responder satisfactoriamente so-

bre a doença de minha mulher, e muito menos sobre aquellas palavras e o seu estado esmorecido pela minha presença. Soube apenas que, havia oito dias, não se lhe arrancavam uma só palavra, e que os medicos já a haviam desenganado. Só no dia seguinte ella recobrou os sentidos. Quiz de novo chegar-me para ella... e ella ainda repellio-me. Fez signal para que todos que a cercavam se retirassem, afim de deixar-me a sós com ella... e depois fez um esforço supremo, e... fallou... Mas, meus queridos filhos, não sabem .. não imaginam o que me contava minha mulher!... Cada palavra que pronunciava era mais tremenda e hedionda do que um punhal assassino que n'aquella hora me ferisse... E, só vocês, ou só este acaso de circumstancias tão más me obrigam a revellar o que me contava ella...

JULIA

Falle, falle, meu pae...

GABRIEL

Sim, já agora devo dizer tudo. Ella contou-me com voz medonha e enfraquecida todo o peso da minha desgraça. Disse-me que estavamos deshonorados! que ella, mulher, fraca e fascinada ou louca se havia deixado seduzir... ou antes—tinha sido violentada pelo homem mais infame que conheceu...

ALFREDO

Oh! mil vezes infame!

GABRIEL

Constancia fazia inexplicavel esforço para fallar e eu para ouvir-a. Disse, finalmente, que somente ella e o infame se luctor sabiam da sua deshonra, mesmo até dar ella á luz um fructo criminoso, o que havia tido logar ha dous mezes... Disse que, tendo-se perdido, procurava, ao menos, salvar a minha honra.

apparente. Ninguem mais, portanto, sabia de cousa alguma, e a criança recém-nascida havia sido, como engeitada, depositada em casa de seu pae ..

PAULO

E ella não disse o nome d'esse homem tão perverso?... .

GABRIEL

Disse, sim... disse, para cumulo de minha desgraça...

ALFREDO

E quem era?... .

GABRIEL

Ouve, mas não te espantes: Era Pedro Venancio!

ALFREDO

Meu pae!?... .

GABRIEL

E' verdade! era elle... era esse falso e ingrato amigo...

JULIA

Oh! meu Deus, que no loa para a nossa familia!

GABRIEL, *depois de pausa*

E ainda é pouco... Assim o quizeram .. é preciso que saibam de tudo. Minha mulher espirou n'esse mesmo dia, sem querer que eu a perdoasse: dizia-se culpada e indigna de receber meu perdão... Ella morreu; ninguem mais, alem d'esse homem e eu, sabia da minha deshonra. Mas... comprehen-



dam como fiquei... Havia perdido minha mulher, e, em consciencia, minha honra! O desespero, pois, cegava-me e enlouquecia-me! O infame, o amigo falso havia assassinado minha mulher e minha honra... e, entretanto, vivia impune na sociedade!... Foi assim que, poucos dias depois do sahimento do fere-tro que conduzira o cadaver de minha mulher, eu... cheio de odio e de vingança—fui esperar a esse ho-mem infame em um lugar deserto e armado d'uma carabina...

ALFREDO, *interrompendo-o*

Ah! foi então o seu assassino... o assassino de meu pae? !...

GABRIEL

Assim é... matei-o para satisfazer uma vingança... assim é—eu tambem sou um assassino...  
(Chora)

JULIA, *occultando o rosto nas mãos*

Oh! meu Deus! meu Deos!

GABRIEL

Sou um assassino porque o matei, confesso; mas o remorso que incessantemente me atormenta me ha demasiadamente punido... Ouçam-me, ouçam-me: Descoberto o cadaver de Pedro Venancio, nunca ponde a policia conhecer o assassino... Entretanto, no mesmo dia já um cruel remorso me atormentava a alma... O que havia feito—A morte d'um ho-mem!—Não sabem que impressão sentia: si podes-se, daria a minha vida pela resurreição da minha victima... E, assim, luctei com esse remorso cruel... A's vezes tinha horror a mim mesmo... Pedro Venancio que me era devedor da vida de minha mu-lher e da minha honra, parecia-me que nada me ha-

via feito... tudo por elle seria capaz de fazer! E para prova d'isto, vejão: Corri á sua casa, e trouxe o seu filho — essa mesma criança, nascida a troco de minha deshonra, para tratar como até hoje o tenho tratado — como o meu proprio...

ALFREDO

Ah! então sou eu?! eu, que venho a ser irmão de Julia!...

JULIA

Meu irmão!... E' Alfredo meu irmão...

GABRIEL

E' verdade! é filho de tua mãe... E ahí está esse segredo horrivel de minha vida, que sempre pensei em levar á sepultura; ahí está porque eu dizia que a continuação d'esse amor seria um crime, — que elle nunca devêra existir... Agora resta-me, Alfredo, implorar o teu perdão... Tudo hei confessado... não tenhas, porém, horror a mim...

ALFREDO

Não, meu pae; não hei de ter.

GABRIEL

E ainda me chamas por pae?...

ALFREDO

Sim, ha de o ser sempre. Esse outro eu não conheci, e alem do que, eu nunca poderei ter horror áquelle que sempre me foi tão bom! Não tenho que perdoar-lhe: um filho não perdôa a um pae. Este está sempre absolvido no coração d'aquelle...

GABRIEL

Obrigado, Alfredo, és generoso!

ALFREDO, *voltando-se para Julia*

Julia ! cumpre-nos agora pedir a Deus o perdão do nosso imprudente e criminoso amor; continuaremos a viver como outr'ora — com a nossa pura e fraternal amizade. Deu-se apenas um caso de séria meditação sobre a moralidade do amor natural.

GABRIEL

E o meu segredo ?...

ALFREDO

Essa historia, que envolve a deshonra de nossa familia, deve ser para sempre um segredo inviolavel; jamais outra pessoa o deverá devassar.

GABRIEL

Agora, Julia, o que me dizes sobre o teu casamento ?

JULIA

Basta ser do seu gosto, meu pae: eu me casarei com Paulo...

PAULO

Uma vez; porem, que não faças sacrificio algum.

JULIA

Sacrificio nenhum. Bem sabes que sempre muito te estimei: com a minha amizade saberei pagar o teu amor.

PAULO, *apertando-lhe a mão*

Obrigado: eu conto que sempre viveremos felizes...

JULIA, *a Alfredo*

Agora, Alfredo, uma palavra: Eu quero offere-

cer-te uma amiga minha, para ser tua mulher. Não me digas que não, porque ella é muito merecedora do teu coração...

ALFREDO

Queres dar-me uma esposa ?...

JULIA

Sim, quero. E sabe que ella de ha muito que te ama em segredo, tendo já soffrido bastante por tua causa...

ALFREDO

Dê quem me queres fallar ?

JULIA

E' de Cecilia,—d'essa boa menina, que a mim, sua sincera amiga, revellou a sua paixão, antes de haver suspeitado do nosso vergonhoso amor.

ALFREDO

D. Cecilia !

JULIA

Sim, ella;—ella que nunca mais aqui voltou desde que soube haver em ti empregado mal o seu amor—desde que considerou-me sua rival.

ALFREDO

Pois bem, Julia, D. Cecilia será minha esposa.

GABRIEL

E que todos vivam sempre felizes, meus filhos, sendo d'este modo prolongada por mais alguns dias e em melhor socego esta vida tão atribulada...

FIM DO DRAMA

# O BIGAMO

Comedia original, em 1 acto,

ORNADA DE CANTO.

## PERSONAGENS

---

GASPAR

UM DESCONHECIDO

JERONIMO, criado

SALOMÉ

1.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

2.<sup>a</sup> DITA

3.<sup>a</sup> BITA

4. CRIANCAS.

---

*A acção tem lugar no Rio de Janeiro,*

EPOCHA—ACTUALIDADE.

# O BIGAMO

---

## ACTO UNICO

Sala decentemente mobilada, Portas lateraes e ao fundo.

~~~~~

### Scena 1.<sup>a</sup>

SALOMÉ só, depois entra GASPAP pelo fundo.

SALOMÉ

Oh ! inferno ! Nem sei o que tanto me atormenta os dias ! São já nove horas da noite, e o meu — bôrn — o meu — carinhosô . . . o meu — fingido ! — marido sem apparecer ! Estes senhores homens ! estes monstros, que nos matam tão cobarde e hypocritamente ! . . .

GASPAP

Salomé, boa Salomé ! vieste ao meu encontro; eu adivinho, não é assim ?

SALOMÉ. *limpando os olhos*

Veja, Sr. Gaspar . . . veja estas lagrimas . . .

GASPAR

Lgrimas ! Sim, eu as vejo; mas qual o motivo, meu Deus ? O que tens, Salomé ?

SALOMÉ

E ainda o Sr. o pergunta ! Que hypocrisia !

GASPAR, *acareccando-a*

Ah ! já sei ! E' o teu maldito ciuime, infundado, sem rasão de ser. Deixa-te de tolices, Salomé: tu não tens motivo para essas desconfianças.

SALOMÉ, *desprendendo-se dos seus braços e atirando-se n'uma cadeira*

Deixe-me ! Não tenho motivos ! Cruel ! mil vezes cruel ! barbara e deshumana creatura . . .

GASPAR

Mas, Salomé . . .

SALOMÉ, *levantando-se arrebatadamente*

Não temos—mas—nem coisa alguma Sr. ! (*Com ciuime*) Pensa que deve enganar assim, sem mais nem menos, a sua esposa,—aquella que cahio na loucura de amal-o como eu o amo . . . Oh ! infame ! . . . Mas, si eu soubesse definitivamente . . .

GASPAR

Pois, si ainda não sabes—definitivamente . . .

SALOMÉ

Mas tenho supposições, e estas supposições me bastam para morrer de mil torturas,—para commetter todos os actos inauditos e de cujas consequências nem você ainda imaginou . . .

*Cantam*



## SALOMÉ

Quando penso que por outra,  
 Eu por ti sou despresada...  
 Que per essas lambisgoias,  
 Tens a cabeça virada—  
 (Si soubesses — meu ingrato —)  
 Que tormento sinto então!  
 Oh! é muito já, Senhor!  
 Muito doe-me esta traição!

## GASPAR

Mas, vem cá, mulher, vem cá:  
 Já não sei como fallar-te,  
 Pois metten-te na cabeça  
 Que eu ando a atraçoar-te...  
 Tu não vês, ó meus peccados,  
 Que te adoro tanto e tanto?  
 Que meus dias juhto' aos teus  
 Passo mesmo como um santo?...

## SALOMÉ

Eu não sei... Mas quando penso,  
 Que podes me atraçoar...  
 Tudo sinto, tudo soffro...  
 Que não posso supportar...

## GASPAR

Não sei mais como te hei de fallar, Salomé; —  
 que provas ainda te hei de dar do meu amor e da  
 minha dedicação! Tu bem o sabes, eu estou, certo  
 mesmo. Olha, trata dos teus deveres, como convem  
 a uma dona de casa; confia no teu marido, e não pro-  
 cures dar escandalos com os teus despropositos...

SALOMÉ, *tornando-se ás boas*

Está bom, Gaspar, eu não te fallo mais nada a  
 esse respeito.

GASPAR

Por hoje ?

SALOMÉ

Não, ha de ser sempre.

GASPAR

Deus o permitta; mas eu tenho pouca fé na tua promessa: sei o que é uma mulher ciumenta.

SALOMÉ

Está bom, não fallemos mais n'isso. Vamos para dentro, que já e tarde.

GASPAR

Pois bem, vamos.

SALOMÉ, *toca uma campainha*

Já vou; preciso dar algumas ordens ao Jeronimo.  
*Gaspar sae, D. A.*

### Scena 2.<sup>a</sup>

SALOMÉ e, depois, JERONIMO.

SALOMÉ

Sim, convem disfarçar por um momento afim de ver se colho alguma prova das minhas supposições. Que me chamem, embora, de imprudente e de tresloucada, que m'importa! quando eu não posso abafar em mim este violento ciúme que me tanto consome! Fallei a meu irmão, que hontem chegou de Pernambuco; confessei-lhe todo o meu desasocego. Elle dissera acreditar que eu não tenho razão; pedi-lhe, porrem, com empenho, que dêsse peso às minhas pala-

bras, e me fosse colher exactas informações a respeito do procedimento do meu marido, já que pelos estranhos nada tenho podido saber. Elle promettêu-me satisfazer este meu desejo, e eu estou certa que lhe ligará todo o interesse. Mas, desde hontem! e ainda não me appareceu... *Toca outra vez a campainha.*

JERONIMO, (*entra pelo F.*)

Presente!

SALOMÉ

Jeronimo, fica aqui, n'esta sala. Estás ouvindo? E, sentido, si teu amo sahe ainda esta noite...

JERONIMO

Elle nunca sahe á noite, minha senhora.

SALOMÉ

Não quero observações! Fica aqui!

JERONIMO

De sentinella?

SALOMÉ

Como quizeres; mas, por favor, não te arredes d'esta sala. Tem paciencia, que eu te saberei recompensar. *Sae, D. A.*

### Scena 3.<sup>a</sup>

JERONIMO, só (*canta*)

Eis um caso bem galante.  
Que me vem de succeder!  
Pois, não estou de sentinella  
P'ra contar-lhe o que aqui ver?...

E, senhores, damnadinha  
 Que é a tal minha patrôa...  
 Noite e dia põe meu amo  
 A andar n'um inferno, á toa...

Ah! si eu fôra teu marido—  
 Tinha um bom, remedio sancto:  
 (*Fazendo com os dedos indicação de pancada*)

Todos esses faniquitos  
 Fugiriam por encanto...  
 E, então, si damnadinha  
 Hoje tu andas, á toa,  
 Noite e dia e toda hora,  
 Ficarias mesmo—bôa...

Ah! Pois não me esqueci da carta (*puchand o do bolso uma carta*) que me entregou ha pouco o i'mãe da minha ama! Não sei o que faça agora! Bom. Não estou para mais,—ficará para amanhã (*mete-a no bolso*) Sim, Srs.—cá estou de sentinella, para evitar o passeio maldoso do meu pobre amo. (*Colloca uma cadeira no fundo da scena e senta-se, debruçando-se sobre o seu espelho*) Ficarei por algum tempo, para contental-a. Pobre do meu amo! não me queria ver na sua pelle, nem por duas horas! E, como esta minha ama, ha muitas por ahí; ha muitas, sim, que vivem desconfiadas do seu merecimento, e que se lhes encaixa na cabeça que qualquer bixa-careta da rua dispõe d'um melhor dote physico do que o das suas horripilantes - pessoas. Mas... (*abrindo a bocca e adormecendo*) epitadas dellas... e d'elles... São gostos... ninguém pode... (*Adormece*)

**Scena 4.<sup>a</sup>**

SALOMÉ, JERONIMO dormindo e UMA DESCONHECIDA.

*Ouve-se bater na porta do fundo, por tres vezes.  
Entra Salomé, qua vai, pé-ante-pé, abrir a porta.*

SALOMÉ, *abrindo a porta.*

Entre, quem é.

UMA DESCONHECIDA, *que apparece*

Perdão, minha senhora.

SALOMÉ, *com ciúme, á parte, descendo um pouco á scêna:* Uma desconhecida! Terá o arrojo de vir affrontar-me, mesmo em minha casa...

A DESCONHECIDA

Mas, minha senhora, si me dá licença (*entrando*) dir-lhe-hei ao que venho á sua casa...

SALOMÉ

Pois não: mas fique na intelligencia de que desejo ouvir somente a pura verdade. A senhora talvez não pensava em encontrar-me... pretendia, de preferencia, fallar a outra pessoa... não é assim... Enganou-se, por ventura, com a casa... quem sabe?...

A DESCONHECIDA

Creio que não me enganei: não é aqui a casa do Sr. Gaspar Pessoa?

SALOMÉ

Sim, senhora; e é então com elle somente que a Sr.<sup>a</sup> deseja entender-se, não é assim?...

A DESCONHECIDA

Sim, minha Sr.<sup>a</sup>, com elle era. com effeito, que eu precisava entender-me.

SALOMÉ, *batendo com o pé*

Sim?!

A DESCONHECIDA

Mas... a Sr.<sup>a</sup> é, sem duvida, alguma sua parenta?

SALOMÉ

Pode ser: veja o que eu indico ser do Sr. Gaspar Pessoa...

A DESCONHECIDA

Uma irmã, provavelmente.

SALOMÉ

Uma irmã... sim... acertou, minha Sr.<sup>a</sup>... eu sou—uma irmã—do Sr. Gaspar...

A DESCONHECIDA

Ah! si a Sr.<sup>a</sup> tivesse um coração bemfasejo... si quizesse se compadecer d'uma infeliz... .

SALOMÉ

Pois não, eu me compadecerei, sim, Sr.<sup>a</sup>...

A DESCONHECIDA

Oh! sim, eu adivinho que a Sr.<sup>a</sup> muito ha de fazer por mim, pelo que vou tudo contar-lhe... Quer ouvir-me?

SALOMÉ

Sim, Sr.<sup>a</sup>, quero.. pode fallar á sua vontade...

A DESCONHECIDA

Ah! minha Sr.<sup>a</sup>—o seu irmão é um homem muito cruel... muito ingrato... desculpe-me... mas elle o é...

SALOMÉ

Sim ?... .

A DESCONHECIDA

Não soube pagar o amor que eu lhe consagrei...

SALOMÉ

A senhora! ?

A DESCONHECIDA, *sem perceber*

Sim, eu: não o soube; porque eu o amei cega e apaixonadamente, acreditando nas suas palavras vãs e enganadoras...

SALOMÉ

Vãs... enganadoras...

A DESCONHECIDA

Sim, enganadoras, conheço agora; visto que, depois de seduzida, maculada, comprehendo que são infundadas as minhas loucas esperanças de vel-o cumprir suas promessas de casamento...

SALOMÉ

Oh! céos, que homem!

A DESCONHECIDA

Perdoe-me, minha Sr.<sup>a</sup>; não lhe venho fazer re-  
criminações, mas apenas pedir-lhe, e, já agora, á

Sr.<sup>a</sup> tambem,—à Sr.<sup>a</sup>. que me prometteu compade-  
cer-se de mim—que não me deixem morrer de ver-  
gonha e opprobio; que a Sr.<sup>a</sup> de sua parte faça com  
que elle cumpra a sua palavra—e não me deixe sof-  
frer as justas iras do meu pae e a condemnação do  
mundo, quando souberem do meu erro...

SALOMÉ

Sim, Sr.<sup>a</sup>... tudo isto é muito .. muito boni-  
to... não resta duvida... Eu não tenho que fazer-  
lhe objecção alguma... a Sr.<sup>a</sup> tem toda razão... e  
fez muito bem em vir fallar-me.

A DESCONHECIDA

Então, promette interceder por mim ? Dá-me  
alguma esperanza ?...

SALOMÉ

Será como a Sr.<sup>a</sup> quizer. Mas, eu a peço—en-  
tre para aquelle quarto; em primeiro lugar, que o  
meu ma... irmão não se ha de demorar...

(A desconhecida sahe pela porta indicada, E. A.)

### Scena 5.<sup>a</sup>

SALOMÉ, JERONIMO dormindo e, depois, UM  
DESCONHECIDO.

SALOMÉ, *desesperada*

Oh ! infame ! Que desgraçada que eu sou ! Que  
martyrio, meu Deus :... (*Cabê n'uma cadeira, com  
a cabeça entre as mãos. Ouve-se, pouco depois, bater  
na porta do fundo.*)

SALOMÉ, *levantando-se*

E' elle ! é o maroto que vem agora dos seus—



innocentes—passeios. Chega muito a propósito...  
(*Vai abrir a porta*)

UM DESCONHECIDO, *entrando arrebatadamente*

Sim, quero fallar-lhe immediatamente ! Perdão, minha Sr.<sup>a</sup>... Não estará elle em casa ?...

SALOMÉ

Quem... quem o Sr. procura ?...

O DESCONHECIDO

Elle mesmo,—o maroto do tal Gaspar Pessoa. Sim, elle, que quero hoje estrangular, si não tiver (*puxando por uma pistola d'algibeira*) a coragem de engatilhar uma pistola contra mim ou de desembainhar uma espada em um leal duello, para o qual venho provocal-o...

SALOMÉ

O Sr. ameça então a meu marido para um duello ?...

O DESCONHECIDO

Seu marido ! Oh ! tanto peor para elle e para a Sr.<sup>a</sup> ! Esse homem pervertido me ha de pagar com lingua de palmo a acção negra que praticou e com a qual pretendeu nudoar as cans d'um velho, que não trepida em vir insultal-o, provocal-o, e mata-l-o, mesmo, dentro de sua propria casa...

SALOMÉ

Mas, o que fez elle, meu Sr. ? O Sr. assusta-me tanto...

O DESCONHECIDO

E ainda m'o pergunta a Sr.<sup>a</sup> ! Por ventura não conhece bellamente as infamias, as bandalheiras, que costuma praticar por ahí afóra esse homem cruel,

sem pondunor, sem brio, affeito às immoralidades, que a Sr.<sup>a</sup> diz haver recebido por marido ?...

SALOMÉ

Ah! infelizmente eu prevejo do que é elle capaz...

O DESCONHECIDO

Pois ainda bem que prevê. E não se admire de que eu, um velho que vivia pobre, mas honrado, venha aqui clamar por vingança, e vingança cega, contra esse homem, que ousou seduzir a minha querida filha,—aquella filha que eu sabia tanto amar como um anjo, que era, de pureza e de virtudes...

SALOMÉ

Oh ! infame !

O DESCONHECIDO

Monstro !

SALOMÉ

Miseravel !

O DESCONHECIDO

Scelerado ! Mas eu hei de me vingar ! e a minha vingança torna-me cada vez mais um furioso .. um assassino... um anthropophago ! Onde está elle?... onde está elle, minha Sr.<sup>a</sup> ? ..

SALOMÉ

Pouco deve demorar-se. . . O Sr. tenha a bondade de esperal-o n'aquelle quarto... (*indicando a porta da E. B.*)

O DESCONHECIDO

Pois bem—esperal-o-hei, porque... (*Canta*)

E' mister que fique hoje  
 Tudo isto liquidado—  
 Que, muito embora me perca,  
 Eu—saia d'aqui vingado !  
 Que hoje, n'um mar de sangue,  
 Vingança venha clamar...  
 Bem caro, bem caro o monstro  
 Ha de a infamia me pagar...

## SALOMÉ

Oh ! meu Deos, meu Deos, meu Deos !  
 Como sou tão desgraçada !  
 Oh ! que vida é esta minha !  
 Que passo tão torturada !

## O DESCONHECIDO

E' mister etc.

(O desconhecido entra, E. B.—Salomé prostra-se  
 n'outra cadeira.)

**Scena 6.<sup>a</sup>**

SALOMÉ, JERONIMO dormindo e, depois, uma se-  
 gunda desconhecida e quatro crianças.

## SALOMÉ

Meu Deos ! meu Deos ! eu enlouqueço ! prote-  
 gei-me !... (Ouve-se bater na porta do F.—Salomé  
 levanta-se bruscamente.) Finalmente que chega ! Re-  
 paremos para a sua cara toda cheia de santidade e  
 de innocencia... (Vai abrir a porta)

2.<sup>a</sup> DESCONHECIDA, trazendo quatro crianças  
 pela mão.) Peço licença, minha Sr.<sup>a</sup>...

SALOMÉ

Outra mulher !

2.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

Não se espante, minha Sr.<sup>a</sup>—Eu vim a procura do Sr. Gaspar...

SALOMÉ, *interrompendo-a*Do Sr. Gaspar, sim, Sr.<sup>a</sup> já sabia eu...2.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

Mas, a Sr.<sup>a</sup> deve desculpar-me, pois não tenho a honra de conhecê-la.

SALOMÉ

Pois, si não sabia, fique sabendo que sou a mulher d'esse Sr. Gaspar, por quem a Sr.<sup>a</sup> procura.

2.<sup>a</sup> DESCONHECIDA, *cahindo n'uma cadeira*

Sua mulher ! Oh ! homens ! homens ! E eu que tanto lhe acreditava... (*Levanta se*)

SALOMÉ

A Sr.<sup>a</sup> tenha a bondade de explicar-se...2.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

Está bem, minha Sr.<sup>a</sup>, já que fui trahida por seu marido, com promessas de casamento, de dia para dia,—saiba, ao menos, que eu, uma pobre mulher, e estas innocentes crianças, que são filhos do mesmo seu marido, vivemos já de ha muito abandonadas,—eu, do homem que tão infamemente soube enganar-me, e ellas, coitadinhas, d'aquelle que sempre lhes promettia dar o nome de pae...

SALOMÉ

Oh ! meu Deos ! meu Deos ! que homem !

2.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

Pois bem, minha Sr.<sup>a</sup>, já que a elle nada posso pedir, visto reconhecer que o seu marido não tem coração.—eu peço mesmo á Sr.<sup>a</sup> que tenha compaixão d'estes pobres innocentes—que ha tres dias não teem um pedaço de pão para metter na bocca, e que, commigo, maldizem o procedimento de seu pae... Nadã mais peço, minha Sr.<sup>a</sup> (*chorando*) do que uma esmola, que nos mate a fome; que eu fui a primeira a dar um passo criminoso, é justo que receba um castigo... Nada mais devo exigir... (*chora*)

## SALOMÉ

Pois bem, minha Sr.<sup>a</sup>, não chore tanto; não chore que talvez não seja mais infeliz do que eu. Vou já prestar-lhe attenção. A Sr.<sup>a</sup> tenha a bondade, em primeiro lugar, de demorar-se um pouco, com os seus filhos n'aquelle quarto... (*indicando a porta da D. B.*)

2.<sup>a</sup> DESCONHECIDA, *entrando com as crianças*

Obrigada, minha Sr.<sup>a</sup>; Deos ha de saber recompensal-a...

Scena 7.<sup>a</sup>

SALOMÉ, JERÔNIMO dormindo e, depois.

3.<sup>a</sup> DESCONHECIDA.

SALOMÉ, *passeando d'um para outro lado da scena, em prantos*: Oh! cruel! mil vezes cruel! sem coração! sem alma!... Meu Deos! meu Deos! E não devo eu ter ciumes d'este monstro! não devo eu engolir cada uma d'estas lambisgoias!—uma por uma!... ou todas por uma só vez?... (*Ouve-se bater na porta do fundo*) Bateram! Bateram ainda! Naturalmente, vamos ter ainda uma outra... (*Vai abrir a porta.*)

3.<sup>a</sup> DESCONHECIDA, *entrando*

Dê-me licença, minha Sr.<sup>a</sup>—Não tenho a honra de conhecê-la. Ainda hontem cheguei d'uma das provincias do norte.

SALOMÉ

Ah ! a Sr.<sup>a</sup> não é do Rio de Janeiro ?...

3.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

Não, Sr.<sup>a</sup>: sou filha de S. Paulo, onde casei-me; mas, condusida por meu marido para o norte do nosso Imperio, haverá dez annos, por alli vivia... Não sei, porem, si será conveniente narrar a minha historia á Sra., a quem não conheço. Vim ao Rio de Janeiro a procura d'uma pessoa, que me informaram residir aqui...

SALOMÉ

Creio que a Sra. enganou-se. N'esta casa mora somente o meu marido commigo.

3.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

Somente ?

SALOMÉ

E um criado nosso.

3.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

Releve a minha curiosidade. Mas não poderá dizer-me o nome do seu marido ?

SALOMÉ

Gaspar Pessoa...

3.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

Muito bem. E a Sra. não me informará do tempo que é casada ?

SALOMÉ

Ha cinco annos.

3.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

Cinco annos. Perfeitamente. E não reparou haver eu dito que sou casada ha dez ?...

SALOMÉ

Sim, e o que tem isso ?

3.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

E' que o meu marido é o mesmo da Sra. — é o Sr. Gaspar Pessoa...

SALOMÉ

O mesmo ! ? E está certa d'isso ! ?

3.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

E porque não ! (*querendo tirar uns papéis d'al-gibeira.*) Si, entretanto, a Sra. antepõe duvidas ás minhas palavras, posso apresental-a a certidão do meu casamento, que trago aqui. . (*apresenta-lh'a*)

SALOMÉ, *depois de ler, afflicta*

Bigamo, meu Deos ! bigamo, alem de tudo !... Sim, a Sra. está no seu direito... de nada mais duvido... nada mais tenho a esperar...

3.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

Bem vê que as leis favorecem-me, declarando que sou a legitimamente casada. Pelo que, nada mais faço do que reclamar pelos meus direitos...

SALOMÉ, *em desesperos*

Assim é... eu não digo que a Sra. não esteja no seu direito... Mas .. meu Deos ! o que será de mim... que mal fiz para tanto soffrer !... (*Em lagrimas.*) Sim... a Sra. reclama o que por justiça

lhe pertence... tudo é seu... eu aqui nada valho; a Sra. pode ficar, que está em sua casa... ella é somente sua... Eu me retiro, entregando-lhe o seu esposo... E, a Sra., como dona de casa, visto que eu aqui já nada sou,—fará o que quizer d'um homem, duas mulheres e quatro crianças, que estão n'estes quartos... (*Chamando, alto*) Senhor? minhas senhoras? Tenham a bondade...

### Scena 8.<sup>a</sup>

TODOS.

(*O desconhecido, as duas senhoras e as crianças veem das portas por onde entraram e Gaspar do fundo*)

TODOS, vendo Gaspar

Elle, que afinal chega!

GASPAR, (*prostra-se de joelhos e de cabeça baixa entre todos.*) Perdão! perdão! perdão!...

O DESCONHECIDO, ameaçador, com a pistola

Levante a cabeça! Não seja cobarde! e olhe de frente para mim! Aqui está um velho, porem um homem que se acha disposto a varal-o de lado a lado ou a fazer-lhe saltar os miolos, vingando a sua pobre filha!

1.<sup>a</sup> DESCONHECIDA, chegando-se para Gaspar

Levante os olhos para esta infeliz, Sr! Veja, que aqui está uma mulher, uma inexperiente mulher, que fez tão mal em acreditar nas suas criminosas palavras, e que vem pedir-lhe a reparação do seu abuso...

2.<sup>a</sup> DESCONHECIDA, *idem, idem*

Queira voltar-se para este lado, Sr! Aqui está uma pobre e muito infeliz mulher, e, tambem, quatro



innocentes crianças. Não podemos pedir uma reparação completa, porque o Sr. isto não nos poderá fazer; mas, ao menos, vimos pedir um bocado de pão para matar a fome...

3.<sup>a</sup> DESCONHECIDA, *idem, idem*

Affirme-se agora para mim! Veja si não se recorda mais da sua primeira mulher! d'aquella que o Sr. abandonou na miseria! Jurei que havia de vingar-me. Eis-me aqui, Sr. ! e a mim, como sua legitima mulher, tem agora de prestar contas das suas maroteiras...

GASPAR

Perdão ! perdão ! perdão ! . . .

(*Cantam*)

O DESCONHECIDO

Levante bem a cabeça  
E me olhe á sua vontade...  
Da sua perversidade  
Ha de hoje se arrepender...

Todos

Vingança ! por vingança  
Clamemos todos nós...  
E somente— vingança—  
Peçamos n'uma voz.

1.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

Eu vivia n'este mundo,  
Tão feliz, tão innocente...  
Era muito inexperiente—  
O Sr. me veio perder.

Todos

Vingança ! por vingança etc.

2.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

D'um dia para outro dia  
Foi-me este monstro enganando...  
E eu estes filhos criando,  
Sem ter nada p'ra comer...

Todos

Vingança ! por vingança etc..

3.<sup>a</sup> DESCONHECIDA

Casei-me com este monstro,  
E lhe amava com paixão...  
Mas elle, sem coração,  
Deixou-me só, a soffrer...

Todos

Vingança ! por vingança etc.

SALOMÉ, *em prantos, sahindo pelo fundo*

Está em sua casa, minha Sra... pôde dispor de tudo como lhe aprouver .. em quanto que eu... vou mendigar uma protecção... uma esmola da caridade publicã... Adeus, monstro; adeus, bigamo: para sempre—adeus !... *(Ao tempo que falla, vai sahindo de costas; todos os demais personagens vão tambem recuando e desaparecendo pelas differentes portas. Jeronimo acorda.)*

Scena 9.<sup>a</sup>

JERONIMO, só. *Acordando e fallando á meia voz:*

Quem... quem me chama?... Ah! enganei-me... Pois não peguei no somno! Bonita sentinella fiz eu! Mas eu tambem sou um pedaço d'asno em andar obedecendo em tudo a minha ama... Ora, bolas! abra o olho vossê, que é a interessada e a—

atraçoada—e deixe-me cá dormir, ao menos, o meu somno socegado... (*Voltando-se, para sahir.*) Ora, vá dormir, Sr. Jeronimo...

### Scena 10.<sup>a</sup>

#### SALOMÉ e JERONIMO.

SALOMÉ, *entrando, D. A., cabellos soltos etc.*  
Jeronimo! Estavas ainda aqui...

JERONIMO

Sim, Sra., de sentinella, firme e sem piscar o olho!

SALOMÉ

Está bom, eu te agradeço. Podes retirar-te; não é mais preciso.

JERONIMO

Então, já é muito tarde? a Sra. não tem mais receio?

SALOMÉ

Sim, é isso mesmo; vae-te embora.

JERONIMO

Ah! (*tirando uma carta d'algibeira*) já que a Sra. me appareceu, aproveito a occasião para fazer entrega desta carta, que o Sr. seu mano deu-me ahi na porta, sobrescriptada á Sra., e que, por esquecimento, deixei ficar na algibeira...

SALOMÉ, *tomando-lhe a carta*

Do meu irmão... Dá-m'a, e retira-te!

**Scena ultima**

SALOMÉ, e, depois, GASPAR.

SALOMÉ, *lendo*

Minha desmiolada irmã. (*Gaspar vem entrando, D. A., sem que Salomé o veja, e por detraz d'esta ouve toda a leitura da carta.*) Para te satisfazer, cahi na toleima de ir indagar de todos do modo de vida e do procedimento do teu marido, e, em resultado das minhas pesquisas, fiquei inteirado de que è elle um santo homem, um exemplar pae de familia; d'uma conducta irreprehensivel, e digno de todo o elogio, sendo que, tu, portanto, não passas d'uma mulher sem senso algum, e, como existem muitas, ciumenta e bastante injusta para com o teu marido. Estas linhas te dirijo de ante-mão, e amanhã quero já te encontrar como melhor dona de casa.—JULIO.»

GASPAR

Julio é quem falla agora, minha cabecinha oca!

SALOMÉ

Ah! Estavas ahi!...

GASPAR

Sim, estava, e presenciava essas tuas afflicções loucas, sem rasão de ser...

SALOMÉ

Está bom, Gaspar; perdôa-me. D'ora em diante eu farei toda a confiança em ti. Olha, si soubesses: tive ha pouco um sonho que tanto incommodou-me, fazendo-me á final despertar afflicta e suffocada em lagrimas...

GASPAR

O que foi? Scenas de ciumes, até em sonho, não é assim?

SALOMÉ

E' verdade. Afigurou-se-me estar n'esta sala... e vi entrar uma mulher... depois, um homem ameaçador, armado d'uma pistola; depois, ainda outra mulher e quatro crianças... finalmente—outra mulher: Um encadeado de acontecimentos, que me despedaçava o coração, até que me fez despertar, porque não pude mais supportar...

GASPAR

Tola! E' o resultado dos teus ciumes desmarcados!

SALOMÉ

Está bom; não fallemos mais n'isso. Prometto, já te disse, d'ora por d'ante, depositar em ti a maior confiança: não serei mais ciumenta...

GASPAR

Muito bem! (*dá-lhe um abraço*) Veremos si tomas juizo, comprehendendo que o ciume d'uma mulher é uma das peores cousas que concorrem para a infelicidade, em todos os sentidos, sua e do seu marido.

(*Cantam*)

GASPAR

Não tenhas ciumes  
Do teu maridinho,  
Que nunca enganou-te  
Um só bocadinho.

SALOMÉ

Pois bem, não terei  
Ciumes mais, não,  
E tu de queixares  
Não terás razão.

GASPAR

E tem confiança •  
 No teu maridinho,  
 Que nunca enganou-te  
 Um só bocadinho...

SALOMÉ

Verás, maridinho,  
 Não mais terei, não.  
 E tu de queixares  
 Não terás razão.

CAE O PANNO,

---

**NOTA**—*Em vez de como está determinado poder-se-ha fazer o seguinte, talvez com melhor effeito:*

*No final da scena 3.<sup>a</sup>, depois de Jeronimo adormecer, ha uma rapida mutação, onde este desaparece, e é apagada a luz do castiçal. No final da scena 8.<sup>a</sup>, ao desaparecer Salomé pela porta do fundo, ha outra rapida mutação, com a qual desaparecem os demais personagens d'esta scena, ficando Jeronimo dormindo na cadeira, como estava, e accesa a mesma luz que se apagara.*

*Para estas mutações poder-se-hia descer e subir um panno no meio do palco, ou, em falta, mesmo o panno de bocca.*

# Mudar de sexo

Comedia original, em 1 acto,

ORNADA DE CANTO.

# PERSONAGENS

---

CORNELIO

CLAUDIO

EUGENIO

COSME

ZILA

---

*A acção tem lugar no Rio de Janeiro.*

**ACTUALIDADE.**



# MUDAR DE SEXO.

---

## ACTO UNICO

Sala decentemente preparada. Uma janella á E. A , portas ao fundo, D. A. e E. B.

---

### Scena 1.<sup>a</sup>

ZILA e, depois, CORNELIO.

*ZILA, da janella*

Agradavel viração está soprando esta manhã. É pena não consentir meu pae que eu dê um passeio pelo campo. E' de mim tanto cioso, tanto, que já é demais. Ainda bem que meu padrinho nos vem hoje visitar. Estou vendo si elle apparece, porque, ao menos, passarei este dia mais distrabida.

CORNELIO, (*vindo da D. A. e encaminhando-se para a janella, aonde examina, desconfiado, e empurra a Zila para o meio da scena*) Zila ? Zila ? Ah ! estás ahí ! Mas o que estás ahí a fazer ?...

ZILA

Meu pae ! Eu nada estava fazendo...

CORNELIO, *ainda da janella*

Nada ! Mas o que estás assim a olhar ?

ZILA

Eu nada estou olhando.

CORNELIO

Nada ! Mais aquillo como que um vulto, que ali apparece e que se vai occultando ?

ZILA, *querendo ver*

Onde é, meu pae ?

CORNELIO, *empurrando-a*

Não é preciso que vejas: não sabes si é objecto contrario ao teu recato ! Mas, eu não vejo bem; talvez não fosse nada... Me asseguras que ainda nada havias visto ?

ZILA

Sim, meu pae, asseguro-o que nada vi durante o tempo que aqui estava, a não ser...

CORNELIO, *interrompendo-a*

A não ser ?...

ZILA

Um passarinho, pousado n'aquella amendoeira.

CORNELIO

Está bom. Só isso ?

ZILA

Depois, veio outro.

CORNELIO

Outro, o que ?..

ZILA

Passarinho, meu pae !

CORNELIO

Dois, então ! Oh !! E o que faziam elles ?...

ZILA

Estavam a catar-se, um ao outro. Innocentes  
avesinhas !

CORNELIO

Oh ! oh ! indiscreta ! imprudente !

ZILA

Porque, meu pae ? Tambem faz mal a gente ver  
os passarinhos ?

CORNELIO

As vezes, sim, ás vezes. Mas, chega-te para  
dentro, que, em todo o caso, é o mais rasoavel.  
(Empurrando-a para a scena, fecha a janella.)

ZILA

Como Vmc. quizer. (Assentam-se) Sabe, meu  
pae, estou hoje muito contente, porque meu padri-  
nho vem passar o dia connosco.

CORNELIO

Sim, eu estou por isto; mas é sempre para mim  
um dia de contrariedades.

ZILA

Ora, meu pae, não diga isso !

CORNELIO

Não é por me agastar da sua presença, não; ao contrario, é elle, como sabes, um dos meus melhores amigos—sinão o unico; mas é que o seu modo de pensar muito differe do meu, tanto que, embora he tenha eu bastante recommendado, descuida-se sempre, e vem d'ahi com palavriados indignos de serem supportados pelos ouvidos castos de uma moça recatada.

ZILA

Não é tanto assim: é que Vmc. zela-me já com excessô.

CORNELIO

Excesso!... Tu lá sabes o que disseste! Pois ha, por ventura, excesso de zelo na educação de uma filha! E eu, mesmo, que o diga! Apesar do cuidado que tenho tido contigo—sabes já de tanta cousa....

ZILA

Eu? Que cousa é que sei?! Apenas o que Vmc. me ensina. Desde pequenina, Vmc. me trouxe para este retiro, d'onde nada se vê...

CORNELIO

Para o teu beneficio unicamente.

ZILA

Bem raras vezes tenho sahido de casa, e, essas vezes, somente por estes arredores, em sua companhia, e bastante vigiada. O que tenho visto? Me occulta Vmc. dos homens...

CORNELIO, *interrompendo-a*

Ah! tá! tá! Não pronuncia assim essa palavra!  
Já te tenho dito!

ZILA

À excepção do meu padrinho, e assim mesmo com que custo ! (*Batem na porta do fundo*)

**Scena 2.<sup>a</sup>**

OS MESMOS e CLAUDIO.

CLAUDIO, *fóra*

Ó de casa ? Não ha por aqui ninguem ?

CORNELIO *receioso, a Zila*

Será elle ? O que te parece ?

ZILA

É elle, sim: eu conheci perfeitamente a sua voz.

CORNELIO

Não; é bom sempre haver prudencia: que de astucias não se vê a cada passo ! Chega-te, menina, para dentro. (*Leva a Zila para D. A., cuja porta fecha, vindo depois abrir a do fundo.*)

CLAUDIO, *entrando, E. fundo*

Oh ! como vai isso ? Sempre debaixo de sete chaves. A minha ingenua afilhada está ainda segura por outra chave ?

CORNELIO (*abre a porta da D. A. para onde falla e de onde vem Zila*) Vem, que é o teu padrinho.

CLAUDIO (*olhando para outro lado*)

Ou teria ido a algum passê... (*Cornelio interrompendo-o e tossindo*) passeio...

CORNELIO (*atrapalhado e tapando os ouvidos de Zila*) Ora... ora papa na cêia... sim, pois sim... haverá hoje papa na cêia...

CLAUDIO

Ah ! já comprehendo ! (*Beijando a Zila*) Minha joia, como estás ?

ZILA

Eu estava anciõsa à sua espera; ainda bem que não nos enganou.

CLAUDIO

Os meus affazeres não me permitem mais assiduamente os procurar. Já fez um anno depois da minha ultima visita...

CORNELIO (*baixo a Claudio, que sorri*)  
Cuidado... cuidado... não repete essa palavra !

ZILA

Mas venha, venha sempre que puder.

CLAUDIO

E porque o teu pae não te leva tambem á nossa casa ? Vives nesta toca, perdendo o melhor tempo das alegrias.

CORNELIO

Claudio ! desbocado ! respeita a pudicicia desta criança !

CLAUDIO

Ora, vai-te d'ahi, seu rigoroso ! No tempo da tua mocidade eras assim refreado ? Eu que te bem conheci ! Que vida folgazã que era a tua, seu magãõ !

ZILA

Como era essa vida—folgazã—meu padrinho ?

CORNELIO

Tã !... tã !... chiton ! O que vai por ahi a fóra de destemperos, Deos do ceo !

CLAUDIO

Queres saber ? (*sorrindo, a Cornelio*) Olha, que lhe vou contar as tuas proezas...

CORNELIO

Cala-te, por favor ! quando não...

CLAUDIO (*sorrindo*)

Quando não — tu tambem lhe contarás as minhas façanhas, desde a minha primeira namorada ?...

CORNELIO (*interrompendo-o*)

Na primeira morada. . . sim, que tiveste... estava-mos sempre juntos...

ZILA

Mas, meu padrinho enganou-se, ou se pôde tambem construir grammaticalmente assim essa phrase ? Elle disse:—«Minha primeira na morada.»

CORNELIO

Sim, sim... pôde... é um modo de dizer... antiquado... mas inadmissivel hoje. Ora, vejam isto ! Bôas lições queres dar á tua afilhada...

ZILA (*com ingenuidade*)

Não faz mal, meu pae, deixe elle me ensinar essa grammatica: eu quero aprendel-a, só por curiosidade.

CORNELIO

Curiosidade ?

ZILA

Sim, é só (*Escrevendo n'uma carteira, que tira da algibeira*) Olhe, eu vou tomar nota já dessa phrase. Como foi ?—Minha primeira na...—Mas se ligas o—na—á—morada ?

CLAUDIO

Sim, é ligado.

CORNELIO

Não ! não ! Separadas ! São duas palayras !

CLAUDIO (*sorrindo*)

Uma.

CORNELIO

Duas !

ZILA

Ora, meu pae, deixe: meu padrinho sabe. Elle é quem vai me ensinar, por isso tomo nota como está dizendo. (*Escrevendo*) «Namorada» — Quer dizer: — Como é ?

CLAUDIO

Pergunta a teu pae.

ZILA

Mas, meu padrinho é quem vai me ensinar.

CLAUDIO

Então, logo te explicarei melhor.

CORNELIO

Bonito ! muito bonito vai isto !

ZILA (*satisfeita, guardando a carteira*)

Pois bem, mas não me engane !

CLAUDIO

Não te enganarei, já é tempo de eu te ver formada (*Ouve-se a detonação de um tiro. fóra.*)

CORNELIO

Que será isto ? . . .



CLAUDIO

Foi bem perto de casa: vamos ver da janella.  
(*Encaminha-se para a janella*)

CORNELIO (*indo tambem para a janella, e olhando para Zila*) Vamos, eu abro... Fica d'ahi, Zila; talvez não seja cousa que possas ver. (*Abre a janella*)

CLAUDIO

São dois cavalleiros... approximam-se da casa... na frente vem um rapaz de esbelta figura...

CORNELIO (*voltando-se para Zila*)

E' bom que te vás occultando já. Entra para o teu quarto, e deixemos de imprudencias...

CLAUDIO (*da janella*)

Apeam-se. São caçadores.

CORNELIO

Que contra-tempo! (*A Zila*) Não ha tempo a perder: para o teu quarto, e não saias antes que eu te chame...

CLAUDIO

Ora, deixá a menina! Tens medo que t'a roube-m ?!

ZILA (*com ingenuidade*)

Sim, deixe, meu pae: si o rapaz me quizer roubar, meu padrinho não ha de consentir.

CORNELIO

Cala-te! Vem já para dentro, que não conheces o que seja o perigo... (*levando-a para dentro*)

ZILA (entrando D. A.)

Está bom, eu vou; quero depois que o meu padrinho me explique bem porque os rapazes são perigosos... (Ouve-se bater na porta do fundo.)

**Scena 3.<sup>a</sup>**

CLAUDIO e EUGENIO.

(Claudio vai abrir a porta do fundo. Entra Eugenio)

EUGENIO (em trages de caçador, trazendo uma arma). Bom dia, amigo; desculpe si o interrompo.

CLAUDIO

Não ha de que; pôde entrar, si quer descansar (Reconhecendo a Eugenio) Ah! mas eu o conheço! O Sr. Eugenio Vieira!

EUGENIO

E' verdade; tambem eu o conheço agora! O Sr. Claudio Moreira) Não é então o dono da casa?

CLAUDIO

Mora aqui um amigo meu, muito dedicado. Posso por elle franqueal-a. Queira assentar-se, que deve estar fatigado. (Assentam-se)

EUGENIO

Assim é: vim de longe, com um criado que dei-xei no pateeo, tomando conta dos cavallo. Achei-me um pouco fatigado quando tomava por estes sitios, e por isto resolvi descansar um pouco.

CLAUDIO

Fez muito bem; almoçará connosco.

EUGENIO

Acceito de bom grado, visto estar com bastante appetite. Mas, o seu amigo onde está? O seu nome, si isto não for indiscreção?

CLAUDIO

Está em casa, e em breve virá. Chama-se Cornelio Simões, distincto fidalgo brasileiro, e homem de excellente character; tem apenas umas ideas... um pouco excentricas...

EUGENIO

Não o conheço. E vive sosinho nesta herdade?

CLAUDIO

Não; tem em companhia uma filha...

**Scena 4<sup>a</sup>**

OS MESMOS e CORNELIO.

CORNELIO (*que já os expreitava, D. A., desce á scena precipitadamente, interrompendo a Claudio*) Filho! um filho! sim, eu tenho um filho...

EUGENIO (*levantando-se*)

Ah! é o Sr. Cornelio.

CORNELIO

Sim, eu mesmo; mas pôde estar á vontade.

EUGENIO (*obedecendo-o*)

Agradecido. Ia, porem, dizendo o Sr. Claudio que o Sr. môra aqui com uma...

CORNELIO (*interrompendo-o*)

Uma... filho... Elle enganou-se... enganou-

se... não foi Claudio?... (*olhar comprehensivo para este*) Não foi?

CLAUDIO

Pois sim, enganei-me: o compadre Cornelio tem somente —um filho,—o qual é até minha afilhada...

CORNELIO (*interrompendo-o*)

...filhado...

CLAUDIO

Sim,—filhá, d, o—dó—... afilhado, disseste bem.

EUGENIO

Entendô, sim Srs.—tem o Sr. Cornelio uma filha, que é afilhado do Sr. Claudio...

CORNELIO

Não! Filho—i, h, o—lhó: é rapaz (*Atrapalhado*) Elle está em casa... si duvida... elle está em casa... eu, a...o chamarei... o Sr. verá...

EUGENIO

Não duvido. Compreendo agora perfeitamente: tem o Sr. um filho. Antes fôra uma filha.

CORNELIO

Não! Porque considera assim?!

EUGENIO

Nada. Pensei que, vivendo o Sr. n'este retiro, uma filha, que constantemente estaria em casa, o serviria de melhor companhia; em quanto que o rapaz, nunca fará a mesma cousa.

CORNELIO

Sim, mas não importa; é bom que elles se divirtam; os seus prazeres nos dão outros...

EUGENIO

Pensa bem, Sr. Cornelio. Teria eu grande satisfação em conversar com o seu filho, e visto estar elle em casa, peço ao Sr. o obsequio de apresentar-m'o.

CLAUDIO (*meia voz, a Cornelio*)

Agora é que são ellas, meu pudicosinho! Vamos lá—apresenta-nos essa metamorphose...

CORNELIO (*alto, irreflecçidamente*)

Que metamorphose! Estás a sonhar!—Eu, fidalgo brasileiro, hei de voltar a palavra assim, sem mais nem menos! Pois si eu disse que ella... que elle... está em casa... hei de já dizer que não!? Está, sim... ella... digo—elle—virá... hão de vê-la .. digo—de vê-o... não tem duvida...

EUGENIO (*sem notar no embaraço de Cornelio*) Justamente, havemos de vê-o, pois si o Sr. Cornelio já disse que elle está em casa! E eu que tanto fôlgo com isto. Teremos muito que conversar, enquanto não se fizer a hora do almoço...

CORNELIO (*aparte, assustado*)

Conversar com ella! Jesus!

EUGENIO (*continuando*)

Porque—hão de desculpar-me—desejo almoçar com os Srs...

CLAUDIO (*rindo*)

Ah! ah! ah! Esta agora veio a melhor!

EUGENIO

Então, porque?

CLAUDIO

Não é nada. Anda, compadre, chama pelo teu filho !

CORNELIO (*a um lado, aparte, embarçado*) Ora, como me hei de safar desta ! Si não quero, como legitimo fidalgo, que vacillem sobre as minhas palavras... Mas ella—vel-a ! Um rapaz junto de uma rapariga... oh ! escandalo ! (*Reflectindo*) Si eu podesse... Antes assim...

EUGENIO

Em que está pensandô, Sr. Cornelio ?

CORNELIO

Quem foi que disse que eu estava pensando ? ! Ora, não faltava mais nada ! Pois si eu vou chamar pelo meu filho...

CLAUDIO

Vaes chamal-o ?... lô ? !

CORNELIO (*passos de sahida*)

Sim... (*forte*) Vou !... vou !...

CLAUDIO

Elle ?...

CORNELIO (*forte*)

Elle ! elle ! (*sae D. A.*)

### Scena 5.<sup>a</sup>

CLAUDIO e EUGENIO.

EUGENIO

Parece-me que o Sr. Cornelio é homem de genio pouco comprehensivel ! Quanto embarço para chamar pelo filho !

CLAUDIO

Não faça caso, são excentricidades de genio; não lhe havia eu prevenido? (*Silêncio*)

EUGENIO

Mas, tanta demora! Palavra que estou curioso por ver o seu afilhado.

**Scena 6.<sup>a</sup>**

OS MESMOS e CORNELIO,

CORNELIO (*vindo da D. A., para onde fallia*) Si está comprida, toma um refego... mas, depressa... põe o meu gorro... (*A Eugenio*) Nada de demora... vel-o-ha... vel-o-ha (*Disfarçando, para perder tempo*) Então o Sr. gosta muito da caça, não é assim?

EUGENIO

E' verdade. E o seu filho?

CORNELIO (*atrapalhado*)

Ah! elle tambem gosta... porque não ha de gostar... não se deve demorar nada... Mas o Sr. Eugenio era então já conhecido do meu compadre Claudio?

EUGENIO

E' exacto; desejo agora o ser do seu filho.

CORNELIO

Meu filho! Ah! sim... ha de conhecê-lo... porque elle ahi vem já... E o Sr. tem familia na Capital?...

EUGENIO

Sim, Sr., e vivo somente lá, em companhia do meu pae, como o Sr. aqui na do seu filho...

CORNELIO (*olhando para D. A.*)

Ora, esla rapari... pa .. paz, a demorar-se. Olhe, Sr. Eugenio, elle estava concluindo a leitura de um tratado de philosophia...

EUGENIO

Ah! estuda philosophia! Deve ser um perfeito rapaz...

CORNELIO

E' verdade, é um philosopho .. meu filho é um philosopho... por isso elle ha de vir... o Sr. verá que elle ha de vir... e porque não ha de vir, quando eu disse que ella estava em casa... (*Olhando para D. A. e assustado, vai para lá*) Eil-a... lá... E' elle, que aqui vem... (*Prendendo ambas as mãos de Zila.*)

**Scena 2.<sup>a</sup>**

OS MESMOS e ZILA.

(*Zila, vem vestida de homem, traz um visivel refego nas calças, tomado pelo lado de fóra, e um gorro para melhor occultar os cabellos*)

CLAUDIO (*rindo*)

Ah! ah! ah!... Bom dia, lindo afilhado! Cumprimenta este senhor, que procura por ti...

ZILA (*com acanhamento, recuando*)

Bom dia, Sr...



EUGENIO (*adiantando-se para ella e estendendo-lhe a mão*) Tenho summo prazer em conhecê-lo...

CORNELIO (*que está ainda segurando as mãos de Zila, apresenta a sua e aperta a de Eugenio. A parte*) Não apertará suas mãos... isso não! (*Alto*) Elle commigo o cumprimentamos... tem também bastante satisfação em conhecê-lo (*A parte, à Zila*) Olha sempre para baixo... não o encares... recorda-te do teu sexo.

EUGENIO

E' um lindo rapaz, em verdade!

CORNELIO

Diabo! Pôde ella já suppor que isto seja um galanteio... Estas palavras não se pronunciam deante de uma rapariga... (*Assenta a Zila em uma cadeira, e offerece outra a Eugenio, aonde também assenta-se, e fica sempre vigilante deante de sua filha.*)

EUGENIO

Então, o Sr... O seu nome?

ZILA

Zila.

CORNELIO (*imediatamente*) Ló... lô...

—Zilo.

(*Claudio junto à janella assiste esta scena.*)

EUGENIO

Lozilo?

CORNELIO

Não! Só—Zilo—quiz eu dizer...

EUGENIO

Sozilo?

CORNELIO

Ora... Sim -- Sozilo... Sozilo... Seja!

ZILA (*envergonhada, baixo*)

Meu pae... eu nunca fallei de perto, assim, a um moço... Isto não offende ao pudor?

CORNELIO (*a ella, idem*)

Não ha outro remédio... eu não podia faltar á minha palavra...

EUGENIO

Então, já sei que o Sr. Sozilo é um perfeito philosopho... Ama por isso á...

CORNELIO (*interrompendo-o*)

Ama a quem .. ella... elle nada ama...

EUGENIO

A solidão; se vivê n'este retiro. Pois nada ama?

CORNELIO

Ah! sim, a solidão... (*Baixo a Zila*) Olha, procura esquecer-te dessa palavra que elle pronunciou; recorda sempre uma idea licenciosa para uma moça...EUGENIO (*continuando*)

Eu sou menos realista. Vivo ás vezes das illusões. Não gosta dos divertimentos, Sr. Sozilo?

CORNELIO (*interrompendo-o*)

Quaes os divertimentos de que trata o Sr. ?...

EUGENIO

Perdão; eu fallava com o seu...

CORNELIO (*interrompendo-o*)

Filho...

EUGENIO

Filho, sim, já sei. O Sr. me está a interromper!

CORNELIO (*a Zila*)

Falla, Zila; não olha para elle... mas falla...

ZILA (*bairo*)

Ah! meu Deus, como isto custa! (*Alto*) Gosto dos divertimentos, sim Sr... mas d'aquelles que são inoffensivos...

CORNELIO (*interrompendo-a*)

Não! não! Elle não te quiz offender...

EUGENIO

Offender! Eu!? Pois o Sr. suppoz!

ZILA

Eu nada suppoz... mas digo que suppoz, porque meu pae entendeu que eu suppoz... Acha pois que devo contrarial-o?

EUGENIO

Não, isso não. Vejo porem, que não nos podemos comprehender. Os divertimentos de que eu fallava eram...

CORNELIO (*tossindo*)

Eram... eram...

EUGENIO

Bailes...

CORNELIO (*alto, encobrinho a voz de Eugenio, e tapando os ouvidos de Zila*) Bai... valles... valles...

EUGENIO

Theatros...

CORNELIO (*idem, idem*)

Thea... astros... astros...

CLAUDIO (*na janella, rindo*) Ah! ah! ah!

CORNELIO (*levantando-se com Zila, por disfarce*) Ah! já? Já sei de que o compadre está rindo. Com licença, Sr. Eugenio... Vem cá, meu filho... olha... vê também (*Aparte*) Valei-me, Deus do ceo! Não se vê que sujeito escandaloso! Ora, compadre... este homem põe a tua afilhada a perder! Vê si tu nos livra d'elle... dizendo-lhe qualquer cousa...

ZILA (*com ingenuidade*)

Sim, meu padrinho, diga-lhe qualquer cousa, si não elle me põe a perder...

CLAUDIO

Bom, lá lhe digo essa qualquer cousa, por tua conta. (*A Eugenio*) Então, Sr. Eugenio, enquanto se espera pelo almoço, não quer dar um passeio commigo?

EUGENIO

Agradecido. Ah! lembra-me o Sr. uma cousa melhor: convido o Sr. Sozilo para ir commigo dar um passeio a cavallo...

CORNELIO (*tapando os ouvidos de Zila*)

Horror! horror!

EUGENIO

Tenho dois ahí preparados. (*Alegre*) Está dito !  
 Uma pequena corrida, meu jôven... (*Chegando-se á  
 Zila, que se agarra ao pae.*) Quero vel-o mais em li-  
 berdade, e menos enleiado... (*Toma o braço de Zila*)

ZILA

Ai !... eu não sei montar...

EUGENIO

Isto é impossível. Si não fôr bom cavalleiro,  
 iremos devagar.

CLAUDIO (*rindo*)

Ah ! ah ! ah !

CORNELIO (*medroso e embaraçado*) Não se-  
 ria, compadre desalmado ! Mas, Sr. Eugenio... o  
 Sr. bem vê...

EUGENIO (*canta*)

Tão bonito está o tempo,  
 Tão suave a viração !  
 Venha, pois, meu rapazito,  
 Quero dar-lhe uma licção.

CORNELIO

O' Deus, que licção  
 Lhe vai elle dar !

ZILA

Mas tenha attenção  
 Que não sei montar...

EUGENIO

Não importa, não,  
 Eu o hei de ensinar.

CORNELIO

O' Deus, que licção  
Lhe vai elle dar !

EUGENIO (*levando a Zila pelo braço F.*)  
Hão de consentir: isto agora é um obsequio que  
peço...

CORNELIO (*choroso, forte*)

O almoço já está prompto !

CLAUDIO (*rindo*)

Ah ! ah ! ah !

CORNELIO

O almoço já está prompto !

CLAUDIO (*rindo*)

Ah ! ah ! ah !

(*Eugenio e Zila sahem pelo fundo*)**Scena 8.<sup>a</sup>**

CORNELIO e CLAUDIO.

CORNELIO (*em desespero*)

Deus do ceo ! que de cousas não lhe vai elle  
ensinar !

CLAUDIO

E' bem feito ! é bem feito !

CORNELIO

Ficará perdida, immediatamente.. Tantos cui-  
dados, desde pequenina... para em um momento  
só... Oh ! escandalo ! (A Claudio) Mas, compadre

dos meus peccados, pese bem este escandalo... considere que tudo o que ha de máu, corrupto, horrivel—vai a sua innocente afilhada aprender em um só momento...

CLAUDIO

E' bem feito ! é bem feito !

CORNELIO

E ainda, tu, com essa calma, dizes que é bem feito !

CLAUDIO

Sim, bem feito, porque és o unico culpado.

CORNELIO (*quasi choroso*)

Não falla assim, Claudio... meu amigo do coração... Pois tu não vias que tudo era para o bem della ?

CLAUDIO

Pois sejam as consequencias tambem para o seu bem.

CORNELIO

Pobre filhinha... innocente creança !... Como não estava cheio de candura aquelle coraçãozinho ! Antes a matassem... sim, antes a matassem d'uma só vez...

CLAUDIO

Deixa-te de asneiras, Cornelio, tua filha não vive no céo,—deixa a menina !

CORNELIO

Blasphemia ! blasphemia ! estás tu a pronunciar !  
(*Corre á janella*) Olha !... Estão fallando... o que será?... Vão a galope... fogem... já ninguem os vê !...

CLAUDIO

Muito interessante, sim Sr., acho isto até. Mudaste tua filha de sexo; aquillo não lhe fica mal agora: deixa o rapaz correr!

CORNELIO

Não chacotea, por favor, deante de tamanha desgraça!

CLAUDIO

Mas si eu acho isto um caso muito interessante, porque não me hei de regosijar delle?

CORNELIO (*supplicante*)

Claudio... si tu podesses acompanhal-os... ias no meu cavallo... observando o que elles estão a fallar... e a...

CLAUDIO

Ora; socega: deixa os rapazes á vontade; não ha de acontecer cousa de maior á minha afillhada: eu conheço perfeitamente a esse moço: é elle de bom caracter e puros sentimentos...

CORNELIO

Mas ha de, por força, saber de palavras e cousas escandalosas, e naturalmente será indiscreto...

CLAUDIO

E até usará de maior liberdade, suppondo, como o fizeste suppor, que está junto de outro rapaz...

CORNELIO

E então... e então, compadre do coração? Porque não vaes onde eu te peço?...

CLAUDIO

Porque não me parece conveniente.



Scena 9.<sup>a</sup>

OS MESMOS e COSME.

COSME (*que bate palmas fóra e entra pelo fundo*) Meus Srs., dão licença ?

CORNELIO

Oh ! o Sr. coronel Cosme ! (*aparte*) Mais este contratempo !

COSME (*depois de os cumprimentar*) Tomei direcção de sua casa, Sr. Cornelio, apesar de ir fazendo outra derrota, para comprehender bem do Sr., o que se ha passado aqui, á vista de um caso extraordinario e inconcebivel, que presenciei agora.

(*Canta*)

E' um caso vergonhoso  
Que de ha pouco estou sabendo !  
E' um caso horroroso !  
Feio ! incrível ! estupendo !

CORNELIO

O que foi que vio ?...  
Diga, por favor...

COSME

Me faz calafrio,  
Me enche de horror !

CORNELIO

Ai ! Deus, que será !  
C'ronel, eu não sei...

COSME

Ninguem pensará  
No que deparei ! ?

CORNELIO

E o que foi ? mas diga o que foi que vio...

COSME

Um escandalo, de que o Sr. talvez já saiba !

CORNELIO

Mas o que é... o que é...

COSME

Ah ! não sabe ? Pois eu vi, com estes olhos, a sua filha, D. Zila, vestida de homem, a cavallo e em companhia exclusiva d'um rapaz estouvado !

CORNELIO E CLAUDIO

Oh ! oh ! oh !

CORNELIO

Não, isso não pôde ser...

COSME

Não pôde ser ? ! Esta agora é melhor ! Si eu passei bem junto d'ella, si a reconheci perfeitamente assim outras pessoas ! Escandalo ! oh ! escandalo ! si até não for ..

CORNELIO

Não ! não é exacto .. o Sr. enganou-se, e assim essas outras pessoas... Minha filha está... foi... não... ella está em casa... nunca sahio á parte alguma, como o Sr. sabe, que não fosse em minha companhia...

COSME

Sr. Cornelio ! Não comprometta a sua palavra...

## CLAUDIO

Mas eu creio que, ao contrario, está elle sustentando a sua palavra—de fidalgo—que é.

## COSME

Não negue, Sr. Cornelio! ou então o Sr. será cúmplice neste escandalo, que tanto ha de ser fallado e commentado por todo este bairro, e muito abalará a honra de sua filha! Eu sou muito avêso a estas extravagancias de genio, e por isto serei o primeiro a não perdoar-lhes.

## CORNELIO

Mas si eu estou dizendo que não é verdadeiro o caso que o Sr. está ahí a figurar...

## COSME

Bem! Quer negar? Pois eu exijo que o Sr. faça com que a sua filha venha á nossa presença, si é cioso da sua honra, da sua boa reputação...

## CORNELIO

Pois, convenio... mas (*aparte*) De que me hei de lembrar... (*alto*) Sim... para isto, porem, é preciso que o Sr. se retire por algum tempo...

## COSME

Essa idea não é má! Quer então que venha depois d'ella voltar do passeio! Papalvo que me julga! Bem mostra que é protector de semelhante... immoralidade... Quero, pois, convencer-me bem disto. Hei de aqui ficar—hei de esperar a entrada triumphante, para saber si a casa do fidalgo brasileiro Cornelio Simões continúa ou não digna de ser frequentada pelo coronel Cosme e pelas demais pessoas que presam a moral e a decencia (*Encaminha-se para a janella.*)

CORNELIO (*aparte*)

Em que estou mettido hoje, meu Deus!

COSME (*vendo para fóra*)

E si me não engano, estão já de volta...

CORNELIO (*indo tambem á janella, medroso*)  
 Não seja teimoso, Sr. coronel... o Sr., não presa  
 mais os bons costumes do que... (*Vendo para fóra,*  
*fecha bruscamente a janella*) Ah! com licença...  
 (*atrapalhado*) Si o Sr. entrar, por exemplo, n'esta  
 saleta (*indicando-lhe a porta da E. B.*) verá... um  
 objecto bem curioso que ha poucos dias comprei...  
 e em quanto...

COSME

Sim, meu fidalgo, o que ainda é mais curioso é  
 o que o Sr. sabe e eu preciso verificar—aqui mesmo  
 e sem demora.

CORNELIO (*que vai fechar a porta do fundo*)  
 O Sr. toma por caçoada... não é? Não é verdade,  
 compadre, que o caso e serio?

CLAUDIO

O caso é serio, não ha duvida: lá isso é elle.

COSME (*que vai abrir a porta*)

Para que fechar a porta, Sr. Cornelio, deixe en-  
 trar mais fresco.

### Scena ultima

TODOS.

(*Eugenio e Zila entram pelo fundo*)

COSME

Bravo! (*Rindo*) Ora como me enganei!

EUGENIO

E' um moço tão vexado o Sr. Sozilo: nem um passo mais alem quiz dar...

ZILA (*correndo para seu pae*)

Ah ! meu pae... defenda-me...

COSME

Interessante rapaz que está ella, em verdade !

EUGENIO

Ella ! ? Como assim ?...

COSME

Temos outra ! Pois não sabia ? !

EUGENIO

Que elle —é— ella ?

COSME

Sim, Sr. ou por outra —ella— que teve o desejo de mudar de sexo.

EUGENIO

Oh !

COSME (*imitando-o*)

Oh ! (*Outra voz*) E accrescente: E' um escandalo com que todos se vão occupar.

ZILA (*chorando*)

Meu pae... meu pae...

COSME

Sinto muito dizer-lhe, minha menina, que ficará rremissivelmente com a sua reputação perdida...

EUGENIO

Mas quem a obrigou?...

CORNELIO (*resoluto*)

Ninguém! Fui eu o unico culpado. Venha, embora, o mundo contra nós: soffreremos resignados os seus insultos...

CLAUDIO

A explicação, Sr. coronel, é a seguinte: Querendo o meu compadre, a todo transe, sustentar a sua palavra, comprometteu, como vê, a sua filha, de quem, por outro lado, tem o mais desarrasoado zelo.

EUGENIO

Oh! mas pésa-me que, por minha causa, isto acontecesse...

COSME

Tem pesar d'isto, e porque não repara o mal, de que é o principal causador?

EUGENIO

Reparar?! eu! E como? Si estiver em minhas mãos, dou-lhes minha palavra que estou prompto, com o maior prazer, a prestar os meus serviços:

COSME (*baixo a elle*)

Olhé, diga-me a verdade. O Sr. está fallando com toda a seriedade?

EUGENIO

Garanto-o, sob palavra...

COSME

Peça-a, pois, em casamento, si não está comprometido.

EUGENIO

Oh ! não me atrevo ! A minha humilde posição faz-me vacillar. Seria uma felicidade que não ouse ambicionar...

COSME (*alto*)

Pois ha aqui um unico desenlace, e vem a ser o seguinte: O Sr. Fidalgo brasileiro, Cornelio Simões, deve conceder em casamento a mão de sua filha a este Sr., uma vez que ella tambem a isto annua.

CORNELIO

Casamento ! Oh ! não !

COSME

E porque não ? Não concorda commigo, Sr. Claudio ?

CLAUDIO

Certamente que sim; pois acho, alem do mais, o Sr. Eugenio muito digno de ser o esposo de minha afilhada.

COSME

Veja, Sr. Cornelio,—são trez já a pedir, alem da opinião publica em pezo.

CLAUDIO

O Sr. coronel tem razão, compadre; deixa que tua filha seja consultada a respeito.

CORNELIO

Sobre menina, que nem sabe ainda o que quer dizer um casamento...

ZILA (*vergonhosa*)

Eu já sei, papae, eu já sei.

CORNELIO

Os deveres que são contrahidos...

ZILA (*vergonhosa*)

Eu tambem já sei, papae.

CORNELIO

O que tem por fim...

ZILA (*vergonhosa*)

Tambem isso já sei, papae.

CORNELIO

Ah! sim? Ja sabes de tudo? (*Resoluto*) Então, falla... concorda... discorda... decide, e deixem-me descansar, por uma vez...

ZILA (*vergonhosa*)

Eu digo que si elle quizer... eu tambem quero...

CORNELIO

Pois... n'esse caso...

EUGENIO (*chegando-se para Zila*)

Está tudo decidido, começando de hoje para nós uma vida real e cheia de felicidades.

ZILA

Assim espero, mas não me hão de obrigar mais a mudar de sexo.

CLAUDIO

Tableau !



CORNELIO E CLAUDIO

Agora, caros senhores,  
Que está tudo em harmonia,  
Vos pedimos que se esqueçam  
Das más scenas deste dia.

E, sensatos como são,  
Nos hão de sempre applaudir,  
Pois bem vêem que tudo apenas  
Foi para nos divertir.

CAE O PANNO,

